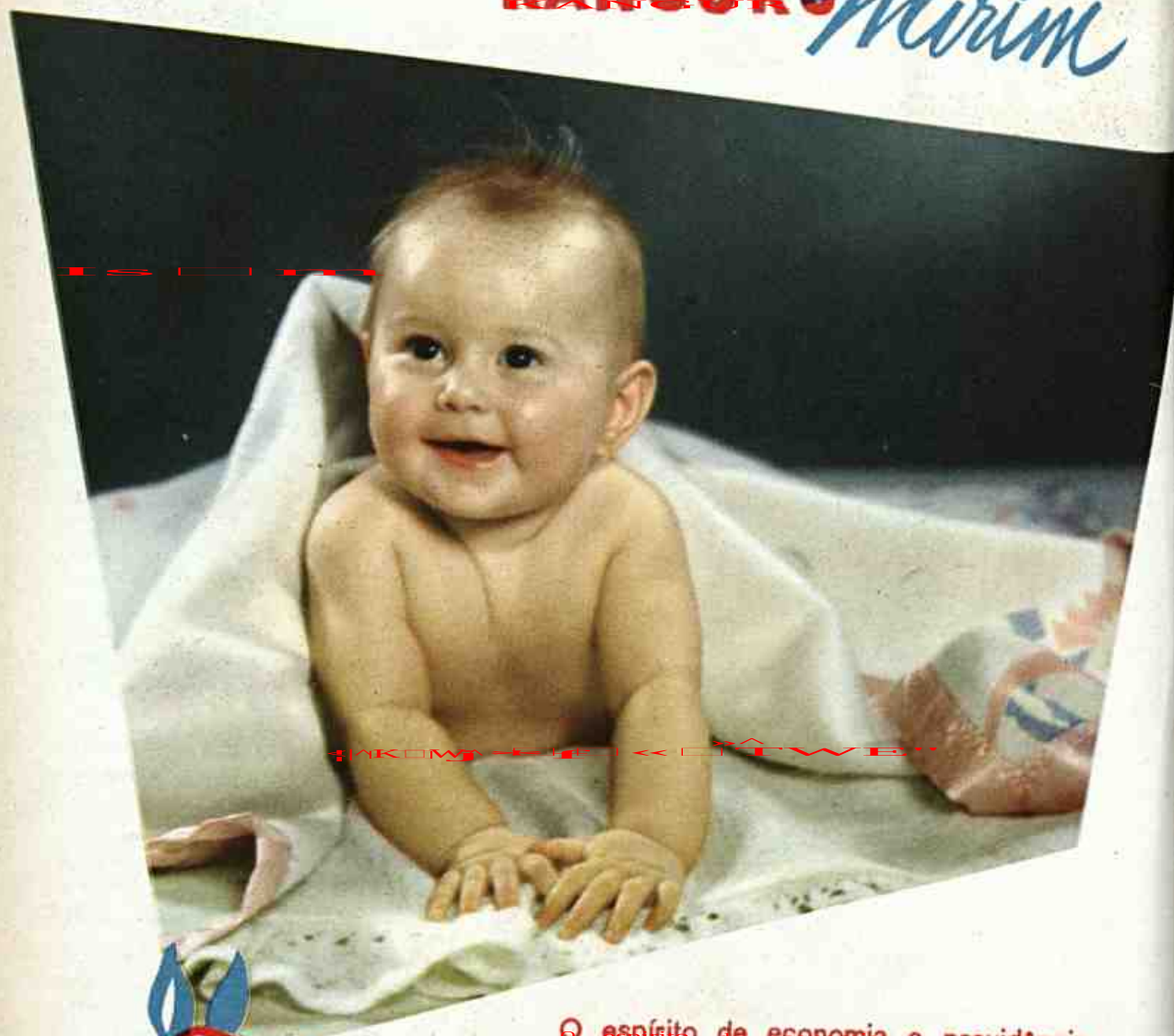


FON FON



Rio de Janeiro, 19 de Janeiro de 1952
A revista feita para o lar
Cr\$ 4,00 em todo o Brasil

ELE JÁ É SÓCIO DO CLUBE DO KANGURÚ *Mirim*



O espírito de economia e previdência infunde-se desde a mais tenra idade. Para que o seu filho compreenda — bem cedo — o valor de um programa de economia, faça-o desde já sócio do Clube do Kangurú Mirim, no qual aprenderá a crescer em suas próprias possibilidades e a formar um sólido pecúlio para o futuro.

Uma iniciativa educacional do

Banco Nacional Imobiliário S.A.

UMA INSTITUIÇÃO PARA SERVIR O PÚBLICO

Séde Central: Rua Álvares Penteado, 72 — São Paulo e Agências



A Felicidade Que Não Fugiu...

A paisagem ondulante, que nossos olhos acariciam do alto da montanha, neste fulgurante meio-dia de inverno, tem, para nós, a expressão de um mundo esplêndido e feliz. Foi contemplando esses abismos verdes e aquele mar impetuoso, que, lá em baixo, soluça, angustiado e insatisfeito, que nossas almas se uniram, um dia, para a festa do amor...

Rolaram os anos através de nossas esperanças e dos nossos sobressaltos. Horas de amargura assinalaram certos instantes dolorosos de um romance que ainda escrevemos sentindo as mesmas fugitivas emoções do começo... Tivemos, também, alegrias inesperadas, no tumulto de tantas ilusões perdidas...

Mas continuamos, dentro do nosso destino, compreendendo a vida que nos tem levado aos mais diversos ambientes sem afastar-nos, entretanto, do grande silêncio da natureza, onde tua melancolia e tua ternura sempre me deram um pouco de consolação e um pouco de felicidade...

Olhando as árvores opulentas, que aqui se erguem, e as encostas, que morrem na floresta, vem-me à lembrança outra paisagem semelhante a esta, perdida nas serras do sul, talvez no Paraná, talvez em São Paulo, e em cujo clima frio não gelou aquele sentimento que ardia, voluptuosamente, em nosso coração...

Agora, como outrora, nas montanhas distantes desta plácida colina, aonde chegam, amortecidas, as vozes das ondas, vivemos, os dois, o drama da esperança inútil, que nos acompanha com a sombra do sofrimento...

Dias de sol, noites sem lua, nas terras que ambos trazemos, com saudade, no pensamento... Recordo-me de tua figurinha agreste de camponesa percorrendo, em trajes masculinos, os recantos da fazenda e sorrindo para mim com tua juventude em flor... Havia, no fim do caminho, que descia, uma lagoa de águas mansas, onde nadavam patinhos selvagens... Longamente, ficamos ali, sob a claridade e o frio da manhã, acompanhando a evolução espontânea das avezinhas que deslisavam no açude... Depois, a tertúlia na sala fechada, após o almôço... E os beijos que aqueciam os nossos desejos e dissipavam os conflitos do nosso desespero interior...

Já vai tão longe tudo isso, querida... Entretanto, somos, ainda, os mesmos românticos dos primeiros tempos...

E do alto desta colina, evocando aqueles dias, cuidamos reviver a felicidade, com que sempre sonhamos e que, parece, nunca nos abandonou...

A felicidade que não fugiu...

UM CARTAZ QUE SOBE SEMPRE

An illustration of several radio towers with workers climbing them, symbolizing growth and progress. The towers are made of lattice metal, and workers are shown at various heights, some using ropes and pulleys. The background is a simple landscape with a horizon line.

TUDO NOVO NA BANDEIRANTES!

TRANSMISSOR WESTINGHOUSE...
para um máximo de potência e cobertura.
F. M. GENERAL ELECTRIC...
para melhor qualidade e pureza de som.
NOVOS PROGRAMADORES...
para maiores sucessos em seu glorioso broadcasting.

A Rádio Bandeirantes de S. Paulo tem novos grandes dias, porque nunca para. Sendo um cartaz que sobe sempre, abre imensas perspectivas a todos os seus ouvintes. Sua programação cada vez brilha mais, seu broadcasting é levado cada vez mais longe, com maior fidelidade e beleza, servindo de modo mais amplo, mais seguro os seus clientes, como intermediária a mais completa para chegar a maior e maior número de compradores...

RADIO BANDEIRANTES

A mais popular emissora paulista
840 Kls.





O grupo se reúne uma vez por semana. Os assuntos individuais são debatidos numa atmosfera séria. Cada um discute seus problemas e doenças.

NOVA MANEIRA DE CURAR OS NERVOSOS

A TERAPEUTICA DOS GRUPOS — MESA REDONDA DE DESAJUSTADOS — EDITH ACHA QUE A FILHA NÃO GOSTA DELA — O GRUPO FAZ BEM A MICKEY, QUE SOFRE DE DORES DE ESTOMAGO — O MEDICO FALA MUITO POUCO — POIS SÃO OS PRÓPRIOS DOENTES QUE ENCONTRAM AS SOLUÇÕES PARA OS SEUS PROBLEMAS

QUANDO se fala em tratamento psiquiátrico, logo se imagina um médico só em seu consultório com um doente. Mas, agora, a maneira de tratar os doentes mentais se modificou. Uma Clínica importante, nos Estados Unidos, do Hospital John Hopkins, está empregando o novo sistema com grande êxito. Muitos psico-neuróticos queixam-se de males físicos, tais como dores de cabeça, tonturas ou perturbações gástricas; outros sentem emoções fortes de mais: medos inexplicáveis, tristeza ou sensação de pânico.

Em geral, as dificuldades que os neuróticos sentem decorrem

da sua inadaptação aos outros. O doente não compreende seus próprios males. Seus reais problemas estão ocultos; ele só é ciente dos sintomas.

O tratamento desses doentes consiste em ajudá-los a descobrir o que são de fato os seus próprios problemas e encontrar os melhores meios de resolvê-los. Quando isso se realiza, o sofrimento físico do doente melhora ou desaparece.

O tratamento em grupo é baseado no princípio de que os doentes podem entre-ajudar-se. Veremos nas páginas seguintes dois exemplos de terapia em grupo, posta em prática. As vezes os "climax" demoram sema-

nas para se darem, às vezes são facilmente conseguidos no meio da conversa geral.

Naturalmente, essas sessões em grupo com doentes verdadeiros não podem ser mostradas ao público. O tratamento em grupo é confidencial. Mas os diálogos — mudados apenas a fim de ocultar as identidades das pessoas envolvidas — são baseados em informações. Os membros da Phipps Clinic, do J. Hopkins, posaram para os fotógrafos.

FALANDO SOBRE AS MAES

Seis pacientes estão sentados em torno da mesa numa dessas sessões de terapia de grupo. O médico está falando.

O Médico: Irene, acha que a sua mãe não lhe dá o carinho suficiente?

Edith, para Irene, desafiadamente. — Isto é sua mãe, não é uma boa mãe?

Irene. — Procuro afastar-me de minha mãe porque todas as vezes que a vejo temos que discutir e isso me irrita. Ela vive se queixando das doenças. Nunca é capaz de me chamar para me dizer uma coisa agradável. Só ela em aborrecimentos e tristezas. Quando ela faz um bôlo, chama minha irmã... mas se se trata de qualquer coisa desagradável é a mãe que ela chama. Não sei como é que ela pode esperar que eu goste dela quando trata minha irmã muito melhor que a mim.

Edith. — Minha filha adotiva me disse no outro dia que, agora que se casou, não faz mais parte da nossa família. Mas o fato é que ela está sempre precisando de mim. Deus sabe o quanto fiz por ela! Lavei, engomei e cosii...

Irene. — Acho horrível ter que dizer estas coisas a respeito de minha mãe, mas ela trata minha irmã melhor. □ padre

O Médico. — Algum de vocês tem alguma idéia a respeito do porque as mães preferem um filho aos outros?

Edith. — Algumas crianças precisam mais de atenção do que outras.

Joe. — Talvez vocês prefiram um filho, também.

Edith, rapidamente. — Eu, não!

Tomy, a Edith. — Acho que a sra. fica triste quando as crianças começam a andar por seus próprios pés.

Edith, defensivamente. — Não é verdade. Mas não acho que os filhos da gente devam passar bem, longe do nosso auxílio. Imaginem a minha filha dizendo que não faz mais parte da família! Parece que não precisa mais de mim. Uma filha que ama a sua mãe não é capaz de dizer isso.

Irene, procurando ajudar. — Sei que o meu xodó é o meu filhinho. Talvez que todas as mães prefiram o seu caçula, embora reconheça ser isso errado.

Regina, com hostilidade. — O padre fez um sermão no domín-

go sobre o amor que se tem pela mãe. E disse também que a mãe tem mais a fazer além de providenciar a comida e o abrigo das crianças.

Este é o ponto nevrálgico para Edith. Ela se torna agitada.

Edith, pálida, nervosa. — Sinto-me tão fraca... Tenho que ir embora. Não posso mais suportar essa conversa sobre as mães.

Irene, correndo para Edith e passando-lhe o braço em volta da cintura. — Não vá embora, por favor, Edith! Sente-se outra vez. Eu me sentiria tão mal se você fosse, porque fui eu que comencei a conversa.

O médico, com simpatia. — Pode falar sobre o que a pôs indisposta?

Edith, novamente agitada. — Essa conversa toda sobre as mães... É de mais para mim. Se continuarem, tenho que ir embora.

O médico. — Seria melhor que a senhora ficasse e enfrentasse a situação. É uma boa oportunidade para falar sobre isso. Acha que falavam a seu respeito?

Edith. — Estão sempre falando sobre as mães...

Regina. — Descafe, Edith. Não estava pensando em você quando contei sobre o sermão do padre.

Tomy. — Talvez lhe tenha feito mal o termos falado sobre mães que não fazem o que devem para seus filhos.

Edith. — É isso mesmo. Toda vez que vocês falam aqui sobre as faltas das mães, eu penso que a minha filha pensa de mim a mesma coisa. E isso me põe aflitíssima.

Irene. — Talvez minha mãe pense assim. Mas ela devia saber que, mesmo que eu fique doida, gosto muito dela.

AS QUESTÕES COM AS FILHAS

Edith. — Isso me faz sentir melhor, Irene. Você parecia tão zangada quanto às mães, no entanto foi tão boazinha comigo quanto eu me senti mal. A minha questão com minha filha principia quando lhe digo que, se gostasse de mim de verdade, daria disso mais mostras. E isso acontece quando ela fala de deixar a família e me pede que a deixe em paz. Talvez ela goste de mim. E que eu a ponho desesperada com as minhas implacâncias.

Edith, agitada.

O médico. — Fico satisfeito que a senhora tenha dito isso. Talvez comece agora a compreender que os seus filhos a amam mais do que pensa. A senhora, d. Irene, ajudou d. Edith a ver que o desejo da filha dela de ser independente não significa que não a ame. Vamos continuar esta discussão da próxima vez que nos reunirmos.

Em outra sessão, o grupo está conversando animadamente, exceto Mickey que está preocupado e aflito.

Edith. — Como eu gostaria de não ter mais daquelas aflições! São terríveis. Tive uma no domingo e sei qual a causa. Meu filho casado foi visitar-nos. Eu fiz um bruto jantar para ele. Ele adora. E sabe que foi que ele disse, depois de tudo terminado, na hora de ir embora? Nada! Acho que ele pensa que tudo o que faço por ele lhe é devido. Talvez tenha razão. Mas quando a gente pensa no trabalho que se teve em criar um filho... Isso bota a gente doida!

Pequena pausa.

Regina. — Sinto-me melhor. Mas não consigo guiar o automóvel sem me sentir aflita.

Joe. — Também não é de espantar, com todo esse trânsito complicado na cidade e os outros motoristas imprudentes!

Regina. — Mas não é por isso. É tudo por falta de confiança. Antigamente eu guiava muito bem... até quando adoeci. Não gosto de ficar no meio de uma multidão; quase desmaio. O doutor com certeza vai achar que eu sou uma boba. Ele tem razão; sempre temi isso.

Tomy. — Não ligo a mínima às multidões. Até gosto delas. Sinto-me mal é quando estou só. E quando me vêem aqueles maus pensamentos e os pavores.

O médico. — Que pensamento são esses?

Tomy. — Horríveis. Mas desde que venho cá, melhoraram. Acho que o fato da gente saber que os outros também têm maus pensamentos faz com que a gente se sinta melhor.

Há um pequeno intervalo na conversa.

O médico. — Mickey ainda não disse nada.

Joe. — Diga alguma coisa Mickey.

Mickey. — Para que? Vocês lhe fazem perguntas (apontando para o médico) mas nunca obtêm respostas. De que adianta queixar-me? Só sei é que anto com dor de estômago.

(Conclui nas páginas 14 e 15)



Tony, brigão.



Joe, arrogante.

"Meu irmão Bill sempre teve inveja de mim. Arranjava brigas comigo, e meu pai nunca me dava razão. Chegava a pensar em lançar tudo isso em resto de papai... mas tive medo!"



Mickey, contrariado.

Regina, emocionada.

Regina, emocionada.

Regina, emocionada.

Regina, emocionada.

Regina, emocionada.

Regina, emocionada.

Regina, emocionada.

Regina, emocionada.

Regina, emocionada.

Regina, emocionada.

Regina, emocionada.

ICHA

Conto de

MARIA FLORA YANEZ

(Tradução de LASINHA)

PRESSENTI o local que procurava por um aroma de sementeiras que me envolveu num ângulo do caminho. Sim. Ali, perdida nos arredores do pequeno povoado de Ninhue, estava a chácara onde passei longos veraneios na infância. Ali estava a grade de ferro batido e ao fundo, atrás de uma cortina de "pilulomias" e cerejeiras em flor, a velha casa de gelosias verdes, quase escondida entre lhanas trepadeiras e rosas silvestres que serpenteavam pelos muros até o teto.

Não poderia dizer porque, ao fim de trinta anos, surgiu em mim o desejo de visitar esse pedaço de terra que até hoje mantive em mãos de administradores ou de arrendatários a quem, entretanto, proibi sempre a posse da casa de gelosias verdes que, solitária e hermética, parecia esperar o capinzinho que de novo até a ela me traria. Apenas a mulher de um antigo cocheiro ia uma vez por semana arejar os aposentos e sacudir o pó.

Agora, depois de trinta anos de esquecimento, o desejo de voltar nascera em mim, imperioso como uma ordem. Ou talvez esse desejo dormisse em minha alma havia muito tempo, sem que eu o soubesse. Os desejos não nascem subitamente: dormem, dentro de nós, à espera de algum sopro que lhes despregue as asas fechadas.

E assim me encontro, sem saber bem porque, diante da fachada pitoresca e um tanto arruinada que os resplendores do sol poente tingem de vermelho. Um minuto permaneço em suspenso. Para que volto? Entre essas paragens de recordações e mim, ergue-se toda uma vida em que outras emoções e outros sucessos, que até hoje considerei mais importantes, foram desbotando os claros dos meados acontecimentos da infância. Trinta anos, caídos como uma pá de terra, sobre aquelas etapas já cheias de tanta morte, de tantos mortos!

Sinto uma preguiça de abrir a grade, uma languidez que me mantém cravado no umbrai, por longo tempo. "Se fosse..." penso. E murmuro logo devagareinho uma palavra, um nome: Icha... E vejo uma mocinha magra, de pernas nuas e escuros cabelos ao vento, que me olha com grandes olhos interrogativos. A imagem é tão viva, tão nítida, que experimento uma sensação de presença. Icha, a desamparada, a fugitiva está junto a mim, detida na puerilidade entenebrecida dos seus treze anos. Está junto a mim e estende-me a mão para que entremos naquela época como num templo por muito tempo fechado.

De súbito tiro uma chave do bolso, introduzo-a na fechadura e empuro a porta de grades que se fecha por detrás de mim, gemendo.

Verde, verde...

Os prados do jardim pareciam-nos, a nós meninos, imensos tapetes aromáticos atirados ao chão por mãos carinhosas para que nós espalássemos nelas como animalzinhos e para que fosse mais brando o pisar durante os brinquedos bulicosos e o alvoroço das corridas. Mais adiante do jardim, continuava a pequena quinta com as suas videiras e os morangais tentadores, depois um campo de abóbocas e, por último, aquele bosquezinho de eucaliptos que era como o estêjo de um pequeno tanque, brilhando entre os troncos com resplendores de jóia.

Éramos sete meninos: três irmãos, três primos e aquela menina sem primos e sem irmãos que caíra como uma intrusa no meio da nossa algaravia. Não levávamos a sério a sua figura incolor, antes ríamos das suas pernas magras, de seus gestos bruscos e rudes, de sua expressão esquiiva sob os cabelos crespos. Chamava-nos a atenção o fato de que, apesar de ela ser morena, não tinha em absoluto pestanas e sobrancelhas. Vinha de uma quinta vizinha, casa triste e escura, sem janelas. Perdera a mãe quando pequenino, e o pai, agricultor, casado em segundas núpcias, autorizava-a a misturar-se algumas tardes ao bulício de seus vizinhos.

Agora acho que aquelas tímidas escapadas à zona luminosa de nossos brinquedos devem ter sido para ela algo assim como imensas oásis, em meio à trama escura e áspera, povoada de sombras e duendes, que era sua vida na triste casa sem janelas.

Ah! certamente estou velho, muito velho, para que as lembranças me assaltem com esta violência de vespas zumbidoras! A saudade é fome. Abro portas, fecho-as. Corro cortinados cheios de poeira. Aspiro aquele odor

característico dos móveis adormecidos, da atmosfera que não foi alterada por nenhuma vibração, de objetos estéticos por muito tempo dentro de quartos vazios e escuros. Quanto que guardaram, não obstante, timbres de vozes, rastros de passos, hábitos de regosijo ou de angústia, palpitantes vivas de séres que os marcaram com suas pegadas.

Entrou no salão. Sombras e luzes envoltas no ambiente de fumo dos aces cigarros que meu pai fumava e cujo cheiro permaneceu adido às velhas poltronas de veludo azul e ao papel de vistosos flores que cobre a parede.

A sala de costura, forrada de cretones desbotados, retém um último raio de sol, que vem de fora. E a minha memória entra no aposento na ponta dos pés. Analiamo os anos vividos. Destacem-se os dias, desfazem-se as horas. O presente esfuma-se. Acabo de instalar-me no coração da minha infância como numa almofada feita de delícias e docuras. Nada mudou. Vejo pela janela a horta, cheia de árvores, de séres alados ou rasteiros, séres algo inquietantes, cujos nomes, para não os esquecer, nós meninos repetíamos assombrados: "cuncunias", formigas, larvazinhas, lagartixas... Que são essas manchas grisalhas ou lacteas que oscilam no pasto? Porcos que esticam o focinho, gansos pelilantes e letrados, galinhas que passam esbeltas bicando a terra. Mais longe, os pastos, o vulto amarelado do calcanhato, as carrugas solenitas. E à beira da casa, guardando-a à sua sombra, três castanheiros floridos que a minha ostentam nos seus córtex as iniciais que gravamos com uma faca do mato.

A brisa agita suavemente as cortininhas desbotadas da janela que, ao se moverem, desprendem aroma de relíquia.

Atrás de mim, ouço um ramor conhecido, por escuto-lo diariamente. Viro-me e, sentada a sua máquina de costura que enche com seu ruído o silêncio luminoso, vejo minha mãe, tão prazenteira. Está vestida com um vestidinho de percal e parece uma moça sobressaltada e muito linda. Seus mãos sustentam o tecido branco das camisas que cose para Felipe, para Anita e para mim. A seu lado, a tia Eulógia lê. E ela que escolhe os prodigiosos contos de fadas que, um de cada vez, vamos lendo em voz alta durante as vigílias. Quantos dragões e reus e princesas! Não posso ver o rosto redondo, bonachão e um pouco bigodado da tia Eulógia sem pensar no Anão Amarelo ou em Aladino e sua lâmpada maravilhosa.

— Hoje é minha vez de ler a Gata Branca? — pergunta Maruja ansiosamente.

— Não! Hoje não haverá leituras, afirma Anita por rempórtois. Vamos brincar de "roda do bilhão" e apagar todas as luzes da casa.

A sala de costura está cheia de sol. O sol da minha infância. E a tarde, essa tarde em que voltei à chácara trinta anos depois, já não subsiste senão como leve aroma de sementeiras úmidas.

Cessa o rumor da máquina de costura porque alguém sobe a escada passo a passo. É meu pai que volta da sua partida de xadrez no pequeno clube do povoado. Escuto-o enquanto sobe, virar as páginas do diário da tarde, uma a uma, medida que passa os olhos rapidamente pelas notícias do dia.

Até os cinco e seis anos, respectivamente, Felipe e eu conservamos nossos frondosos cachos louros. Mas um dia meu pai ordenou com voz, seca, tocando nossos cabelos com as pontas dos dedos: "E preciso cortar isto... Já são uns homenzinhos". Minha mãe protestou suavemente: "Que pena! uns cachos tão lindos...". Mas ele insistiu e naquela mesma tarde a tesoura do único cabeleireiro de Ninhue pôs-se a cortar as aneladas cabeleiras que foram caindo no chão, inóteis. Tic, tic, tic... Durante muito tempo, certa sensação de opróbrio ficou ligada para nós ao frio gancho das folhas de metal da tesoura que, pela primeira vez, correram pressurosas sobre nossas cabeças humildes das. De volta para casa, contemplamos no grande espelho da nossa mãe e pusemo-nos a chorar. Comparávamos-nos a um galo sem crista que chamara nossa atenção entre os outros airoso galo do pátio.

A caravana de meninos aflui do passado empoeirado e dança em volta à minha pessoa a sua ronda cativante. Estão diante de mim, todos, com seus rostos e gestos de então: Maruja, loura e ajuizada, tão ajuizada que nunca suja o seu avental de babado e que pode permanecer quieta durante horas, observando no redor com seus olhos luminosos e claros. Aníva, espreitada, maliciosa, um pouco cruel nas suas brincadeiras, e orgulhosa da sua figura esbelta e de seus longos cachos negros, que parecia sacacrolhas. É ela a que descobre os segredos do jardim e da horta e a que rouba frutinhas e caça lagartixas. Felipe, turbulento, generoso, adora os cachorros vagabundos da comarca e faz inúmeras coleções: de penas, de insetos, de selos. É a andorinha de Fernando, sonhador, sempre nas nuvens e que passa a vida fazendo versos. Nirguam, no entanto, como é para trepar nas árvores da quinta.

Por fim, a maior do grupo: Luisa, de olhos escuros e pele muito branca, graciosa e revestida já da importância de seus quinze anos, enche-nos a cabeça de contos inventados por ela, de mentiras e fantásticos histórias sobre os mistérios da vida. Assegura que será atriz um dia e que

já recebe ofertas das grandes capitais do mundo. Meiga e enganosa, troca nossos brinquedos de luxo por utensílios baratos cujo brilho só nos fascina por um minuto. Estuda duas horas de piano por dia e temho ainda nos ouvidos os intermináveis arpejos e escalas que enchem com a sua sonoridade monótona a velha casa. A meação atira longe as Sonatas de Diabelli e os estudos de Czerny que lhe parecem cacetes para extasiar-se diante das músicas da moda, ócas e fôfas, que são as suas predileitas. Lembro-me de "Os mosquiteiros", com seus acordes largos e açucarados. Ah! quanta poesia presa a esse piano da minha infância!

Em meio à nossa robustez exuberante, Ichha, a intrusa, pálida, taciturna, surge como um contrassenso. Sempre está silenciosa, distante, e se lhe falamos de repente, responde com surpresa como se acordasse de um sonho. Seus lábios finos caem nas extremidades com uma dobra de amargura, e uma vez se entrebrem para mostrar a fileira de dentinhos brancos, prodigiosamente brancos. Não sabemos com que sonho, não sabemos porque é tão calada. Sua personalidade é um mundo fechado.

Hoje, vendo aquela imagem com a perspectiva do tempo, penso que o que mais atormentava Ichha era o contraste entre a realidade e os sonhos; a diferença entre sua vida exterior e sua vida imaginária.

Na parte alta da casa, duas portas eternamente fechadas, despertavam em nós um misto de curiosidade e terror. Que quantos misteriosos se abririam? Cada porta tinha por cima um vidro quebrado, que não alcançávamos para ver, mas que nos transmitia reflexos da cor que imperava lá dentro. Por um dos vidros, aparecia uma noite profunda; pelo outro, uma luz amarela. Ambas as portas estavam banhadas de silêncio. Uma, de silêncio negro. De silêncio amarelado, a outra. O grupo de meninos sentia mais pavor e curiosidade diante do mistério escuro da primeira porta. Eu, por minha vez, tinha mais a claridade da segunda.

— Ora! exclamava Maruja, desde-nhã. Que pode haver nesse quarto claro? Com certeza mora aí o anjo amarelo. Se é que existem os anjos... acrescentava pensativa. Enquanto que na outra, aí! que vontade de saber e que medo!

Nunca podíamos conseguir que as portas misteriosas se abrissem. Sempre as chaves estavam guardadas e chamadas. Ainda, certa manhã, vimos que o jardineiro penetrava no mistério negro e fomos atrás dele. Era um sótão grande, sem ar e sem luz, cheio de sacos pancados, de barris de vinho, de inúmeros vasos. Mas não tivemos nem um olhar desluzido. Era o que esperávamos: um silêncio esculpado de tons de aranhas e escondelijos nos quais certamente viviam aqueles morcegos e aquelas almas penadas cuja proximidade, já de muito tempo perdurava nossos sonhos. Passa-

mos logo à segunda peça, espécie de celeiro, também cheio de sacos, que recebia luz por uma claraboia. Agradou-nos menos. E achamos que os morcegos e os fantasmas deviam reunir-se ali em horas ignoradas por nós.

Ah! com que saudade recorro hoje o hábito de feitiço que trouxe à minha infância a mancha negra e a mancha amarela dessas portas gêmeas!

Todas as aves do galinheiro tinham para nós uma personalidade, um nome. Um dia entramos no pátio de serviço no mesmo momento em que a cozinheira matava um pato. Entre estertores e adejos, o pássaro entregava lentamente a vida enquanto do bico lhe escorria um fio de sangue escuro, que caía ao chão manchando os ladrilhos. Com grandes olhos atônitos, nós, os sete meninos, olhávamos paralisados de espanto. Pareceu-me, de repente, que as mansas pupilas da ave se pousavam em mim suplicantes. "É o Pituco..." murmurou Fernando com tristeza. "Malvada!" exclamou Anita, dando palmadas furiosas na cozinheira que sorriu provocante. Com o rosto empapado de lágrimas, Maruja fugiu do pátio de serviço. Quase a seguir um "ai!" doloroso e quase imperceptível saiu do pequeno grupo. Vimos prontamente a cabeça: como uma espiga que se dobra, Ichha, livida, caía desmaldada. Confusão, gritos, desordem. Atropeladamente acudiu a criadagem e Ichha foi conduzida até o divan da sala de costura e deitada entre almofadas. "Uma simples emoção", explicou minha mãe, dando-lhe a cheirar uns saiz muito fortes. "Já está passando..." Ichha suspirou, entreabriu os olhos, fechou-os de novo, sem conseguir incorporar-se completamente à vida.

— Assim desmaiada — disse eu — Ichha parece... parece...
— Já sei! — exclamou Maruja triunfante — Um Menino Jesus cansado...

Em isso, exatamente! Desde esse dia, Ichha, para todos nós, mais do que uma companheira de brincadeiras, passou a ser algo muito vulnerável, muito delicado, imaterial quando...

(Continua na página seguinte)





...você o consagrou e fez muito bem...

É a você, que sabe apreciar
o golf e outras coisas boas
da vida, que Hollywood
deve a preferência unânime
de que hoje goza entre
as pessoas de bom gosto.



H-989 009



UMA TRADIÇÃO DE BOM GOSTO

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

ICHA

(Continuação)

se, à força de ser frágil e belo: um Menino Jesus cansado...

Sete meninos, maravilhados, sob o grande sino de cristal que era o céu transparente sobre o pomar e o jardim. Sete meninos com os sentidos à espreita, observando o milagre do universo. Correntes de seiva circulam sob o solo envolvendo os corpos medúlos que se fundem com a terra negra, úmida e adormecida. Os lábios saboreiam a rubra polpa dos morangos silvestres ou o succulento coração das laranjas; os outros acompanham com assombro a caravana de insetos que surgem da grande imobilidade, enquanto vem a brisa carregada de perfumes e as pequenas mãos se elevam desejando deter o vôo das abelhas e das mariposas que vão rasgando a gaze do ar com a luz de suas asas. Sete meninos sob um imenso sino de cristal...

Uma noite houve festa na chácara e mandaram-nos para a cama muito cedo. Das nossas caminhas, ouvíamos no andar de baixo rumores inquietantes, persistentes andares, como se um batalhão de ratos invadisse a casa ou devorasse as vigas do teto. Lá fora vibravam buzinas de automóveis, alternadas com o relincho de cavalos e, de vez em quando, duas luzes redondas como luas acariciavam com seu resplendor os cristais dos quartos. Na cozinha, os criados batiam as portas e removiam talheres. Sabíamos que viera um rapaz de Santiago e durante o dia vimos confeccionarem tremulas geléias e manjares tentadores.

As dez da noite ainda não conseguimos conciliar o sono, com o ouvido atento e a mente acesa. Como serão as festas dos grandes? perguntávamo-nos, inquietos. Só Luíza estava autorizada a ficar no salão até a meia-noite. Nossa "baba" descera, pensando que dormíamos. E, entretanto, o rumor lá de baixo crescia, crescia, como uma tormenta que se aproxima. Afinal, Felipe, meu companheiro de quarto, o mais turbulento e curioso, não pôde mais e pulando da cama, foi bater com os nós dos dedos na porta dos outros dormitórios infantis, até reunir-nos todos.

— Vamos ver! ordenou categorico. Descalços e de pijama, descemos a escada um a um até chegar à galeria envidraçada que, sem sermos vistos, nos permitiu que vissemos. Meu Deus, que quadro! Um verdadeiro conto de fadas... A casa via-se imensa. Todas as lâmpadas acesas, todas as portas abertas, os vasos repletos de flores... Minha mãe, de pé ao centro, distribuía sorrisos a um e a outro lado, mas de vez em quando olhava preocupada para dentro ou se mexia para pôr no lugar algum objeto. Aos

pares, os convidados subiam a escadinha da frente. E os vistosos vestidos com seu fru-fru característico deslumbravam-nos tanto quanto a solenidade dos senhores inclinados para cumprimentar ou as gargalhadas sonoras que ficavam vibrando por muito tempo no ar. Estávamos em brigatões de luz, de admiração. Os chapés das senhoras, cheios de flores e passaros, eram como jardins e galinheiros de brinquedo.

Por um corredor interno, penetramos na sala de jantar, toda engalanada porém ainda deserta. "Roubar o mais que pudermos..." era a nossa divisa. Já os dedos impacientes caíam como vermes sobre as guizoelmas, quando vimos abrir-se a porta com ar de ameaça. E um homem gordo, de jaqueta branca (depois soube que era o rapaz vindo de Santiago), plantou-se diante de nós e olhou-nos entre bulesco e severo. E, virando-se para o postigo que dá para o depósito, gritou, fazendo porta-voz com as mãos: "Chegam os porquinhos que serviremos assados na ceia! Venham busca-los e ponham-nos no forno! Vamos refoga-los com castanhas!"

Escapamos apavorados, atropelando-nos uns contra os outros, e, livrados de terror, fomos esconder-nos na escuridão dos nossos quartos.

Dias depois, a aparição do homem gordo transformava ainda em pesadelo os nossos sonhos. E ouvíamos a terrível voz que ordenava: "Ponham-nos no forno! Vamos servi-los com castanhas!"

Não nos é permitido tomar banho no tanque traçoelino e fundo. Em compensação, banhamo-nos diariamente numa piscina próxima ao galinheiro cujas águas espessas e cor de chocolate não nos tentam como o cristal luminoso do tanque. "O banho é excelente para o corpo", argumenta tia Eulógia. "Nunca sofri de reumatismo". — "Nem de ciáticas", conclui minha mãe, sentenciosa. Resignamo-nos às águas escuras.

Felipe, Anita e eu somos os grandes nadadores do grupo; Icha apenas molha os joelhos; Fernando e Maruja atiram-se à água tremúlos de susto, e quanto a Luíza, apesar dos seus areninhos de importância, tem em relação a nós essa inferioridade: não pode aprender a nadar. "Para uma atriz, a natação não é necessária" — explica com despeito. "Se se exige beleza e talento"... Mas nossas risadas soam em coro porque seu elegante traje de banho vermelho, penetra resolutamente na piscina e trava desesperada luta, os membros tesos contra a água cor de chocolate.

O chanto musical da máquina aplaudidora mistura-se em minhas recordações a uma grande sinfonia amarela. A terra coberta de feno, o mundo coberto de feno. Pisávamos os pedregos de palha dourada que soltavam tépida fragrância, mais suave que o — (continua na página 18)

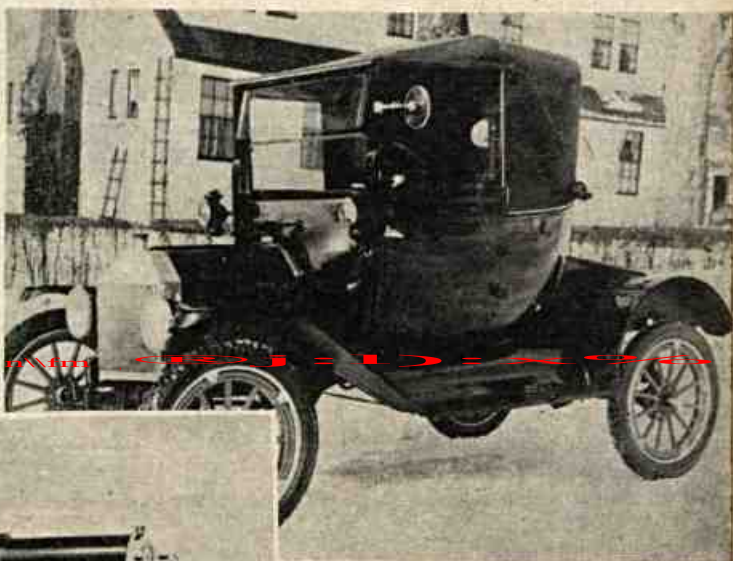
A evolução das vidraças dos automóveis

SUA PRIMEIRA UTILIDADE: IMPEDIR QUE OS BICHINHOS E AS POEIRAS VIESSEM TER AO ROSTO DA GENTE — AGORA: IMPEDIR O DEMASIADO BRILHO DA LUZ NOS OLHOS

HOUVE tempo em que os carros não tinham vidraças. Andavam tão devagar que não era preciso um vidro para impedir que as poeiras, bichos e outras coisas incômodas caíssem nos olhos da gente. Não se pretendia nem sequer impedir que a chuva ou a neve viessem de encontro aos nossos rostos. Quando chovia, todo mundo ficava molhado. Quando nevava, era neve por todos os lados. Mas tudo mudou, é lógico. Os desenhos modernos dão às vidraças dos carros 20 por cento da superfície. Como toda pessoa que anda de automóvel sabe, o excessivo brilho da luz nos olhos é extremamente fatigante e pode ser perigoso. O sol batendo em cheio nos passageiros dos carros pode até queimá-los. Esses problemas foram resolvidos por Libbey-Owens-Ford. As novas vidraças, acrescentadas das "abas de segurança para os olhos" já foram adaptadas a alguns carros, prometendo segurança e conforto nas estradas.

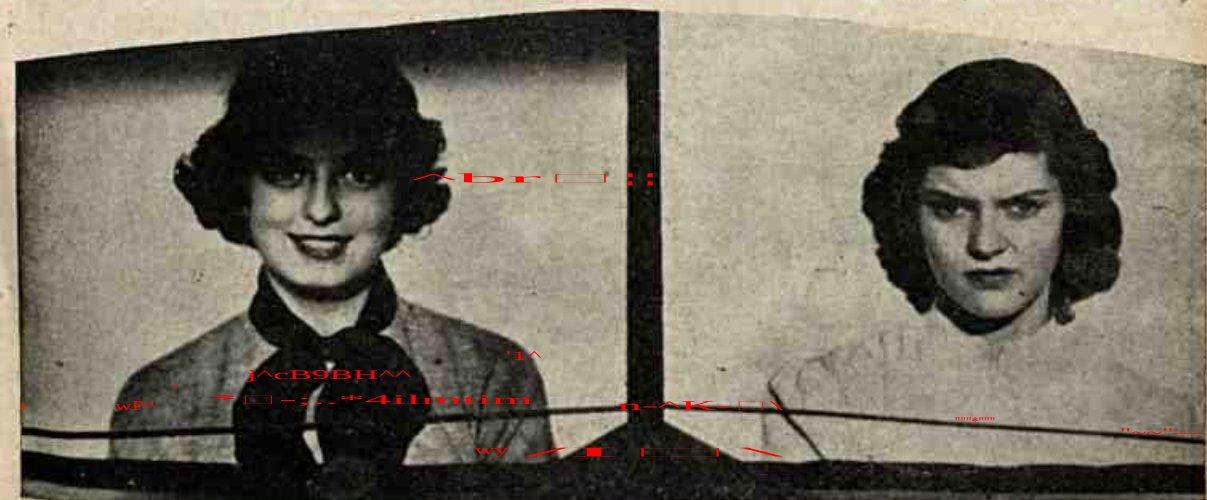
Studebaker, 1906. Que diferença da linha dos carros de hoje! Parece uma caveira de automóvel... Notem a vidraça da frente, em posição vertical.

O Ford 1915 tinha uma vidraça dividida ao meio, que deixava passar o vento e todas as coisas incômodas que ele traz, para cima dos passageiros.



Oldsmobile, 1923. Começou a aparecer a influência moderna, com essa vidraça inclinada. Uma viseira extra, contra o sol, oferecia proteção.

As vidraças dos novos carros são amplas e fortes, oferecendo grande conforto aos passageiros, e grande visibilidade.



PALAVRAS DE GRATIDÃO

Gracias a Deus, temos bons amigos em todo o Brasil. Não só para a redação de FON-FON, mas também para a Rádio Mayrink Veiga, criaturas de boa vontade enviaram cativantes votos de feliz Ano Novo ao rabiscador destas linhas. Pelo microfone da PRA-9 já fizemos o agradecimento da nossa imensa gratidão. Agora, nestas colunas, grafamos com singeleza o mesmo reconhecimento comovido. Que Deus lhes dê, bons irmãos, um 1952 bem amigo, bem suave, bem feliz! E continuem a estimular-nos no bom combate, em prol da boa imprensa e do bom rádio, por um Brasil cada vez melhor...

SOBRE UM MAL-ENTENDIDO

Ouvimos dizer, numa roda grande, que só os artistas imitáveis têm valor. Os artistas de verdade — dizem alguns — têm sempre uns traços caricaturáveis na sua individualidade. Há nisso tudo um mal-entendido. Na verdade, há artistas de grande talento, perfeitamente imitáveis, nas artes e nas letras. Mas há, também (embora sejam tão raros), artistas de gênio, positivamente imitáveis. Para que citar exemplos? Com essa gente não adianta argumentar...

RADIO ELDORADO MARCHA

Em 1952 romperá os céus do Brasil a Rádio El Dorado, disposta a fazer rádio de alta qualidade, rompendo com os tabus do comodismo indígena. Brevemente, faremos uma reportagem com a Sra. Anna Kouxy, diretora dessa nova emissora brasileira.

DENTRO E FORA DOS ESTÚDIOS

- Paulo Leblon, radialista vitorioso, é mais uma conquista da nova Mayrink Veiga. Veio de São Paulo disposto a brilhar no Rio. E suas produções já estão aí, atestando o seu valor.
- Dilma Leblon lavrou mais um tento para a sua carreira de novelista, radifonizando o célebre romance "Zanoni" para a Mayrink, no horário das 12.30 de segundas, quartas e sextas. Dilma Leblon, indiscutivelmente, é um dos maiores valores espirituais do rádio brasileiro.
- A Associação Brasileira de Rádio já está agitando os meios radiofônicos de todo o Brasil com o seu concurso, já tradicional, para eleição da rainha do rádio. Voltaremos ao assunto, com todos os pormenores...
- Urbano Lóes está, merecidamente, na primeira linha de rádio-atores do Brasil. Tem vivido uma série de tipos vitoriosos nos principais programas da nova Mayrink: é o "Escabeu" do "Jardim dos Namorados", o "Professor" do "Turbilhão de Risos", o "Nick Carteira" de "Risos e Melodias", o velho, circunspeto da "Conversa em Família", o impavido "Eufêncio" das "Cartas do Inácio", o "Sargento" do "Recruta 23" e tantos outros que lhe dão renome. E os galãs que Urbano Lóes interpreta no "Teatro de Novelas", ao lado de Zezé Fonseca? Positivamente, é um artista de raça, cujos méritos ficaram demonstrados na memorável criação do papel duplo de D. Jekyll e Mr. Hyde, na peça "O Médico e o Monstro".



Dilma Leblon e Paulo Leblon

Carolina Lander Caminha para o Estrelato



A "estrelinha" da PRA-9 dedica ao piano seus momentos de folga. No momento da fotografia, ela executava a valsa "Mimi", que fala de perto à sua sensibilidade de artista e de mulher.

DISSEMOS, algures, que a beleza é a revelação de um mistério. Quando escrevemos o conceito, abarcamos a beleza em todo o seu prestígio. É uma das tantas definições de beleza. Plutão dizia que a beleza é a verdade, ao passo que Baudelaire escreveu que a beleza é a Pureza. Sócrates é que tinha razão, quando ensinava a seus discípulos que a verdade é uma só, mas está fragmentada em cada criatura humana. Portanto, cabe ao artista buscá-la através dos vários tipos que a vida traz aos nossos olhos. E quem tiver olhos para ver, que veja.

Sem dúvida nenhuma, a Arte — em qualquer de suas manifestações — é a atividade humana mais nobre, porque nos faculta o conhecimento do prazer estético. Entretanto, o Teatro — simulacro da vida — é o tipo da Arte que mais contribui para humanizar os homens. O sentido social do Teatro é, pois, aquele que buscamos, consciente ou inconscientemente, para melhorarmos a nossa capacidade de sentir e aparamos a nossa capacidade de comunicação com os nossos semelhantes. De modo que todo homem (ou mulher) nascido sob o signo da arte teatral é um predestinado.

Carolina Lander possui uma decidida vocação teatral, e seu temperamento lhe propicia uma riqueza fabulosa



Carolina conversa, alegremente, com sua linda sobrinha Marimar. Ao fundo, aparece a fachada do Cassino Copacabana. Observem o perfil de Carolina: é uma "walkyria" em terras brasileiras...

A "ESTRELINHA" DA MAYRINK VEIGA FALA A "FON-FON" SOBRE OS SEUS SONHOS DE ARTISTA

Reportagem de HERRERA FILHO

Fotografias de HÉLIO BRAGA

Para o drama. Ela é um dos elementos mais novos do teatro carioca, e conta apenas nove meses de atuação ao microfone da PRA-9. Mas o seu desenvolvimento apreciável começou em "Radio-Folhetim", que Gilberto Martins lançou em março de 51 e que é um dos pontos altos da programação mayrinkiana. Os escritores que perceberam as possibilidades dramáticas de Carolina deram-lhe papéis adequados à sua sensibilidade. Ensaída por João G. Atlas, Alzira Zarur, Alvaro Augusto e atualmente por Manoel Braga (diretor de "Radio-Folhetim"), Carolina prosseguiu a olhos vistos, de mês para mês. Ainda ensaiada por Gilberto Martins ("Os Amores de George Sand"), Afonso Silva Araújo e Macedo Netto, atual diretor de "Ritmo e Alegria", a talentosa amazonense já é um valor do rádio-teatro.

Conhecendo-a, como a conhecemos, sabemos que Carolina tem muito mais do que estudar e trabalhar. Para atingir o galarim da glória, é jovem, e desperta simpatias pelo seu modo de ser, com a simplicidade da sua conduta impecável no meio radiofônico. Ela mesma diz ao jornalista: — Quero aprender, e respeito a Arte como a uma religião...

Pontual, ela trabalha em quase todos os programas da Mayrink, desde "Ritmo e Alegria", às 10 horas da manhã, até "Casa de Doidos", às 10 horas da noite. Intervindo em programas dramáticos, cômicos e "shows" de auditório. Carolina é multiforme, adquirindo assim a tacimba que muito a ajuda na interpretação dos mais diversos tipos. Ela marcou esplendidamente o papel de "Carlinda", na novela "Ódio de Morte", do autor desta reportagem. Disse a FON-FON:

— Gosto de ler, porque o convívio dos bons autores nos desenvolve a percepção artística de uma forma extraordinária. Os livros de Balzac, Eça de Queiroz e outros do mesmo nível nos ajudam a mais rica e variada coleção de tipos humanos que nós, rádio-atores, devemos

Carolina Lander é assídua leitora de FON-FON. E, como está noiva, não dispensa a revista feita para o lar...

conhecer... Ali revejo meus sonhos de artista, ainda no princípio da jornada, mas disposta a vencer... Nós não duvidamos: Carolina Lander tem todos os requisitos para a vitória, na vida e na arte. Questão de tempo... Vitória.



O jornalista em palestra com Lúcia Braga, Carolina Lander e Marimar, na casa da querida artista do rádio-teatro da Mayrink. A gente remoga ao contato de tanta graça juvenil...

NOVA MANEIRA DE CURAR NERVOSOS

(Conclusão)

Joe — Que é que o senhor acha que lhe dá a dor de estômago?

Mickey — Como posso saber? Pergunte ao doutor. Talvez ele a vocês responda. A mim, nunca.

Irene, a Mickey — Seus pais o preocuparam, ou houve alguma coisa que o aborrecu?

Mickey — Não, meu pai foi bom para mim a semana inteira... não brigamos, não discutimos. Em todo caso, acho que o meu padecimento é físico e vou voltar ao meu médico antigo que me receita pilulas.

Joe — E o seu emprego? Alguma coisa o aborreceu por lá?

Mickey — Não muito.

O médico — Não muito?...

Mickey, hesitante de novo — É o rapaz com quem trabalho. Não gosta de mim. Não lhe fiz nada, mas ele sabe que eu sou melhor do que ele e fica com medo que eu esteja de ôio no seu lugar. Eu não quero saber disso! A única coisa que quero é ficar livre dessa dor de estômago!

Joe — E o tal rapaz, que fez ele?

Mickey — Foi ao chefe e disse que eu não andava fazendo o serviço direito e que não queria continuar a trabalhar na mesma sala que eu. O chefe sabia que ele não tinha razão, mas mesmo assim me transferiu para outro departamento. Ora, isso me aborreceu. Pensei em pedir demissão. Mas o trabalho é bom e eu gosto de lá. Sempre gostei do chefe; não posso compreender porque é que ele fez isso comigo. Quando fui para casa, naquela noite, estava tremendo todo. Não pude nem comer nem dormir. Fiquei a noite inteira acordado, pensando em como são os homens. Sempre me esforço para fazer o meu trabalho bem feito, e que ganho com isso? Meu estômago tem doído muito, a semana toda!

O médico — Antes nada disso lhe aconteceu?

Mickey — Pensando bem, meu irmão Bill nunca fez nada por meu pai. Eu é que era o bonzinho. Cortava a grama e ia dar os recados enquanto ele se divertia no colégio. Arranjou uma série de brigas comigo, e papai ficava sempre contra mim. Ora, isso me contrariou. Cheguei a pensar em lançar tudo em rosto de papai... mas tive medo.

Joe — Nessa ocasião o senhor teve dores no estômago?

Mickey — Tive, sim. Até ago-

A FESTA DO ENCERRAMENTO DAS AULAS



Alunos do Westminister English-Course, vindo-se em primeiro plano alguns dos Diplomados de 1951, da esquerda para a direita: Sra. Elza de Aragão Lima, distinta e primeira aluna de sua turma Dr. Aureo Pinto de Figueiredo e sua esposa d. Beatriz Costa de Figueiredo, que também concluiu o curso; Sra. Belmira de Albuquerque Lima, que figurava, no ano vindouro, entre os assistentes do Prof. Kurt Adler; Sra. Helena Gama Machado, oradora da turma e também futura assistente do prof. Adler; Sra. Lola de Oliveira aluna que, entre outros predícos, recebeu o prêmio especial de frequência, uma vez que, em cinco anos, não faltou a nenhuma aula; Sra. Maria da Glória Teixeira Barreiros, colocada em segundo lugar na Turma de 1951.

No Auditório do Ministério de Educação e Saúde, realizou-se no dia 22 de dezembro último, a cerimônia do encerramento do ano letivo de 1951, do Westminister English-Course.

Especialmente convidado, o FON-FON compareceu a esta solenidade, tendo colhido os flagrantes que ilustram estas páginas, em que, em rápido comentário, traduzimos o brilho desta festa.

O Westminister English-Course vem, sob a eficiente e segura direção do Prof. Kurt Adler, realizando — desde 1946 — um grande trabalho de divulgação e cultura que se distingue pela difusão da língua inglesa entre nós.

Com a especialidade no que concerne à prática do referido idioma, o Westminister English-Course tem por finalidade precípua aperfeiçoar seus alunos na conversação inglesa. Para tanto, métodos modernos e de uso comprovado pela grande experiência e tirocinio do prof. Kurt Adler são adotados com real proveito, como reconhecido, aliás, pelos nossos mais distintos professores da língua inglesa, quer na adoção dos livros didáticos de sua autoria, quer pelo seu sistema de ensino.

Dai aquelas palavras de estímulo e de entusiasmo com que o prof. Clímério de Oliveira Souza, Presidente da Associação dos Professores de Inglês, com a sua

A Professora-assistente Sra. Dora Costallat entregando o diploma da conclusão do curso à aluna Sra. Helena Raye dos Reis, vindo-se à esquerda do Diretor Prof. Kurt Adler, D. Maria de Lourdes Nelson Machado, técnico de educação e Professora-Inspetora do Westminister English-Course.



autoridade, se dirigiu ao prof. Kurt Adler, para com ele congratular-se por mais esta vitória alcançada em 1951 e tão significativa quanto as anteriormente conquistadas no exercício do magistério, já como ex-prof. da Universidade Católica e das Colégios Jacobina e Santo Inácio, Instituições de Ensino que muito honram as tradições do ensino católico em nosso país.

Também nós, que fazemos esta Revista com a preocupação de servir ao Lar e à Família Brasileira, não podemos deixar de aqui apresentar ao prof. Kurt Adler, aos seus dignos Assistentes e aos seus alunos, nossos sinceros parabéns pelo brilhantismo da festa, desejando que o Westminster English - Course continue a ocupar entre nós o merecido lugar de destaque que já alcançou e que tanto o recomenda.

O Diretor do Curso, professor Kurt Adler, ao entregar à Srta. Maria Adalva Lima seu diploma da conclusão do curso de Conversação Inglesa.



O Diretor do Westminster English-Course prof. Kurt Adler proferindo seu discurso na solenidade do encerramento do ano letivo de 1951, vendo-se, à sua esquerda, o prof. Clímério de Oliveira Souza, Presidente da Ass. dos Professores de Inglês e, à sua direita, os professores-assistentes do Curso: D. Dávila de Luna Freire, Srta. Dórea Costallat e sr. Arsenio Brandão Júnior.



O aluno Marcos de Assis Ribeiro (primeiro anista) recebendo o certificado de promoção para o 2.º ano das mãos da Professora-assistente Srta. Costallat.



COLUNA DOS LEITORES

AURORA P. PITIENE (SP) — Diz-nos que aprecia a nova feição das seções de "modas", "romances", "culinária", "decoração" e "desenhos de costura". Sugere-nos a publicação de modelos de "lingerie" com os respectivos bordados, e julga que há necessidade de melhorar os "riscos e bordados" que, em sua opinião, não têm um toque de feminilidade, são duros e inexpressivos e alguns demasiadamente carregados.

R. — Realmente agradecidos pelas suas excelentes observações, já estamos cuidando de melhorar "riscos e bordados", os quais, temos a certeza, irão agradar-lhe de agora em diante. Quanto ao seu conceito elogioso a respeito das demais seções, muito lhe agradecemos.

MARIAUGUSTA A. DA SILVA (DF) — Escreve-nos: "Como legítima baiana, enviarei a receita certa de acarajé, pois a que saiu publicada está errada." E diz ainda que "não há revista melhor no Brasil".

R. — Muito agradecidos lhe ficaremos se nos enviar a sua receita e mais ainda se tiver a bondade de mandar também outras bem típicas de sua terra natal. Mas, a respeito de receitas, existe, como se sabe, mais de uma para um mesmo prato e temos em nosso poder, por exemplo, "A Arte Culinária na Bahia", de Manuel Querino, um clássico acatado por todos os nutrólogos e cuja receita também é diferente daquela oferecida às nossas leitoras na seção de culinária. Aguardamos, pois, sua carta, a qual desde já agradecemos.

ADELIR FERRAZ — (Macaé — Estado do Rio) — Diz-nos: "Já tenho a elogiar a modificação ultimamente operada no FON-FON", achando ótimas as seções Decoração do Lar, Método de Costura e Moldes Gratuitos. Termina dando-nos os parabéns pelo Método FON-FON de Corte e Costura.

R.: — Agradecemos a gentileza dos conceitos e aqui estamos para qualquer sugestão no sentido de melhorar sempre e cada vez mais esta revista que é feita especialmente para vocês.

GRACINDA LOPES (Itapetininga, SP); NEY LOPES VIANA (Florianópolis, SC); MARIA FICHER e Mme. DANTAS — Aguardem que serão atendidas.

ra, quando me lembro daquilo, sinto-me todo descontrolado e nervoso... (Um silêncio) Olhe! exatamente do mesmo jeito que me sinto quando me aborreço com o meu chefe!... É, talvez seja a mesma coisa! Fico com essa dor de estômago toda vez que me aborreço com alguém sem poder fazer nada. E agora, depois que estou falando livremente sobre o assunto, a dor está passando.

R e d e

“Rádio Cultura do Sul do Rio Grande”

PELOTAS

PRH-4 — 1 Kw. — 1.320 Kcs.

RIO GRANDE

ZYC-3 — 820 Kcs.

PAGÉ

ZYG-4 — 1.460 Kcs.

LIVRAMENTO

ZYG-5 — 1.250 Kcs.

JAGUARÃO

ZYU-7 — 1.530 Kcs.

Anuncie no Sul do Brasil, utilizando a rede
“RADIO CULTURA DO SUL DO RIO GRANDE”

Escritório : =

SOCIEDADE DIFUSORA RADIO CULTURA LTDA.
RUA 7 DE SETEMBRO, 307/309 — CX. POSTAL 268

PELOTAS

Representantes exclusivos : =

M. A. GALVÃO LTDA.

Rio de Janeiro e São Paulo

RADIO PUBLICIDADE LTDA.

Porto Alegre

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

Majella Bijos

EX-INSTITUTO ABDON CINS)

Sangue, urina, líquidos biológicos. —
Metabolismo basal, transição de sangue.
Diagnóstico precoce da gravidez. —
Alergia, bacteriologia, perícias legais.

Serviço domiciliar e noturno

RUA RODRIGO SILVA, 30 • 1º • TELEFONES: 22-1385 E 45-0859

DR. AMÉRICO R. VELLOSO

Da Assistência Municipal (Hospital Getúlio Vargas)

DOENÇAS DAS SENHORAS — VIAS URINÁRIAS

Consultório

516 — Rua Antonio

Rua do Ouvidor, 183 -

Rego — 516

5.º and. - S. 502 e 503

— Olaria —

Tel. 23-2525 - De 11

De 7 às 11 horas

às 19 hs.

Consultório

Residência: Av. dos Democráticos 670 —

Bonsucesso — Tel. 30-1233

OUÇA, as terças-feiras, pela Rádio Mayrink Veiga, a
sua PRAÇA, das 14 às 14.30 horas, o programa
DECORAÇÃO DO LAR, na palavra de d. Yeda Fontes.

decoração

Colaboração de YEDA FONTES

O A B C DA DECORAÇÃO

ARRANJO DE FLORES

É fácil trazer a beleza para dentro de casa, com algumas flores. Mas antes de obtê-las, devemos primeiro pensar onde colocá-las. Procure ver o fundo ou (background) para fazer uma bela combinação porque não fazendo esta escolha, o arranjo poderá perder cem por cento do seu valor artístico.

Não quero dizer com isto que se torne feio não, todas as flores são bonitas, mesmo as mais ingênuas que encontramos sem cultivo apropriado, jogadas pela natureza nos campos.

Apenas queremos mostrar a arte de ornamentar, que requer determinados pontos técnicos que são precisos observar: A arte do arranjo de flores vem dos japoneses que começaram trazendo o lírio ímpar das montanhas e formando pequenas paisagens. Para eles o número ímpar é o número certo, e para isto fizeram um arranjo de três linhas que dividiram em: vertical, que chamaram de céu, outra perpendicular que era o homem e a terceira horizontal designada para a terra.

Estas três linhas se encontram na base do ângulo e têm relação umas com as outras no tamanho.

Mais tarde apareceu uma quarta linha que diziam ser a mulher. Esta linha, forma outra perpendicular, do lado esquerdo, podendo-se fazer um “S”, saindo do ponto da primeira linha horizontal, passando pela primeira perpendicular da direita e depois da esquerda, morrendo na ponta da linha vertical. Esta é a base para ornamentar qualquer arranjo de flores.

Os materiais para um arranjo de flores necessários são governados por certos princípios básicos. Sendo diversos os métodos de prender as hastes dentro dos vasos, aqui damos alguns exemplos: as pegas de ferro chamadas espátas, que são bases de ferro fundido, com pequenas hastes agudas bem juntas umas das outras, estas podem ser de vários tamanhos, conforme o vaso. Outros exemplos: a tela quadriculada de arame n. 5 em pequeno pedaço, deverá ser amassada e colocada dentro do vaso que se queira arranjar; folhagens de cedro cortada na altura do vaso comprimito, fazendo um molhe; uma batata grande onde são enfiadas as hastes; areia e uma infinidade de outras coisas.

As flores são sempre colocadas, as maiores e mais finas para cima fazendo o desenho já descrito; em seguida com as flores restantes fazemos ramos nas partes intermediárias.

Divide-se a ornamentação de flores em duas categorias: arranjos e flores, em um vaso. O arranjo é feito por medidas simétricas e o vaso de simples colocação. O segredo da beleza do arranjo não está só na beleza das flores que você seleciona, mas no cuidado com que você as dispõe. Os vasos para os seus trabalhos, podem ser de qualquer qualidade e espécie, desde que saiba usá-los. Tanto faz o vaso de cristal fino, ou o simples potinho de barro. O importante é você conhecer as bases do trabalho que está realizando, que são: originalidade, combinação de cores, perfeição e frescura das flores e imaginação.

CLASSIFICAÇÃO DOS VASOS

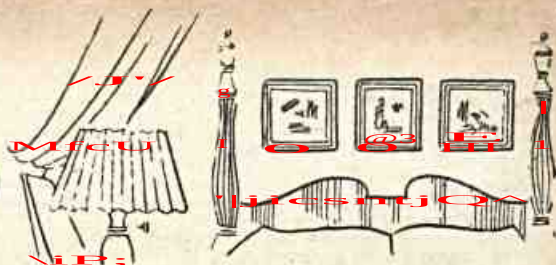
Esta expressão é muito relativa: o arranjo clássico oriental, é aquele cheio de linhas curvas e longas. A linha reta das folhas e das flores abertas, formam o que se denomina um vaso forte.

As flores meio abertas e a folhagens miuda, fazem um vaso delicado.

Um vaso romântico é formado por um conjunto de várias flores coloridas, sendo todas elas colocadas com expressão e destacando-se umas mais em baixo, perto do vaso, fazendo um ponto de atenção.

do IAR

Ilustração de CARLOS FERNANDO.



Uma ornamentação tropical deve-se chamar de um arranjo **Roberto Burle Marx**. Foi ele quem começou a implantação das folhagens nestes arranjos, dando assim expansão a nossa flora trazendo para os jardins e as casas particulares o efeito maravilhoso de nossas folhagens.

UM VASO MODERNO

É chamado aquele que tem a graça da linha moderna, disposto em linhas retas: as flores para este determinado arranjo, devem ter uma simplicidade absoluta; exemplo: chás, lírios, folhagens, etc.

As hastes: para um efeito dramático em um hall, no arranjo de um vaso as hastes deverão ter quatro vezes a altura do vaso. Não se esqueça de tratar as flores antes de arrumá-las, cortando as hastes em bisel.

O peso ótico, tanto no arranjo, como no vaso de flores, tem muita importância. Se colocarmos as flores mais para um lado do que para o outro, o balanço deverá ser feito com um colorido mais forte do lado mais fraco. Importante sempre observar, que a formação de um vaso tome a forma triangular, quero dizer, as flores mais abertas fiquem para baixo e as fechadas e finas para o alto, dando assim uma disposição dentro do triângulo.

COMBINAÇÕES DE CORES PARA DETERMINADOS FUNDOS OU (BACKGROUND)

Quando o fundo ou "background" é claro (podendo ser de vários tons), pode-se colocar vasos românticos, tropicais e modernos.

Quando é escuro, caso seja de tonalidade marrom, bege, rôxo ou verde, as flores mais indicadas são de cor amarelas e azuis.

Para o cinzento, vejamos as folhagens e flores vermelhas, brancas, e carmim.

No verde escuro os tons de rôxo, amarelo, alaranjado, vermelho, amarelo claro e branco.

No verde claro, o colorido lilás, rosa (fraco e forte) e amarelo.

No fundo amarelo, muito verde (folhagens) azul e rôxo.

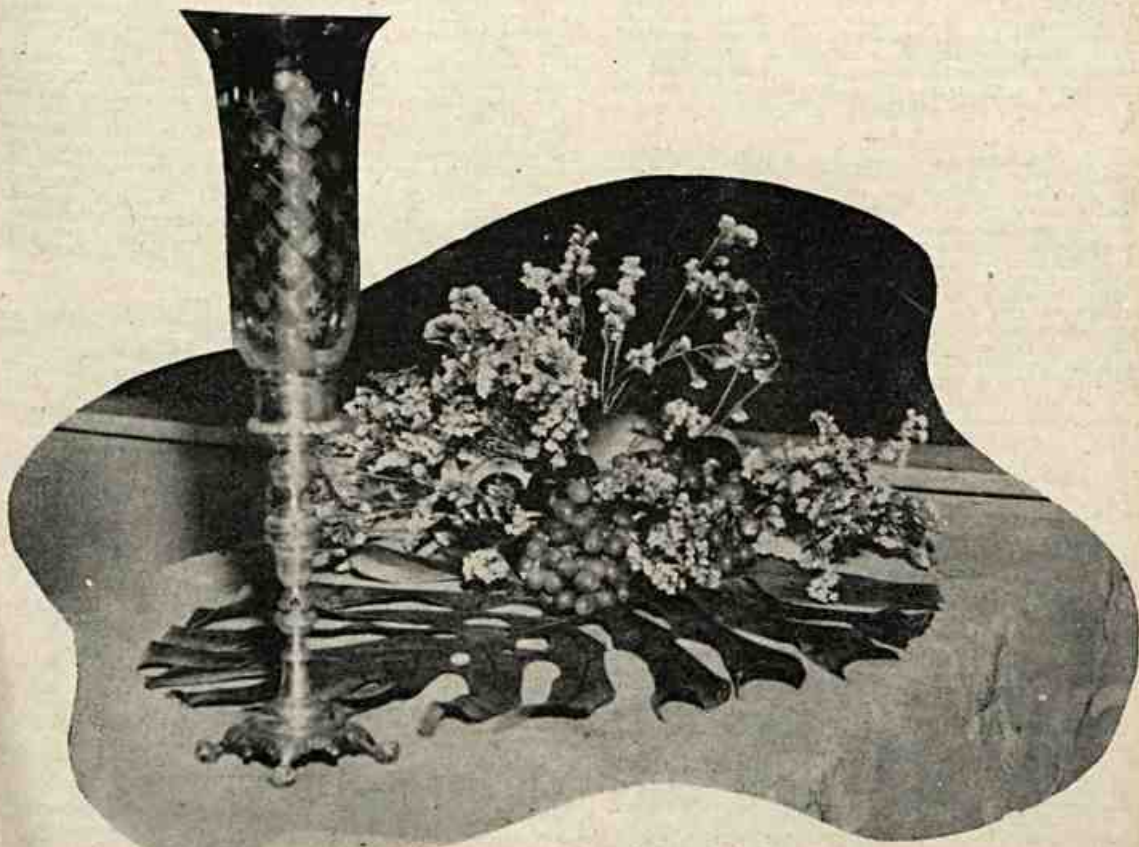
Sobre a cor de madeira natural: vermelho vivo, pouco verde, folhagens rôxa.

Em rústico de esteira ou bambú, o vermelho escuro, marrom e verde.

Rústico escuro: amarelo, verde e azul.

No azul-acinzentado: arranjo rosas claras, velho ou carmim, como no verde oliva o beige rosé. Também no beige rosé arranjo azul e rosa forte.

Chamo a atenção para sempre que se colocar um vaso verificar o colorido da mesa, e "background", como por exemplo: um vaso sobre uma mesa escura perto de uma cortina listrada, a cor das flores deverá predominar sobre a cor da listra mais forte. No mesmo caso sendo estampado, a flor deverá vir encontrar-se com o colorido do mesmo. Não devemos colocar flores de vários tons neste fundo, pois o seu efeito desaparecerá.



...E AGORA, SEU MOÇO?

ANTÔNIO FELICIANO

— Trezentos e cinquenta cruzeiros, mais trezentos e cinquenta cruzeiros, mais... mais... mais...

— Quer-me fazer um favor, Zuzu? Não falemos mais em dinheiro. Hoje é o primeiro dia do ano, e, afinal de contas, não convém aborrecer-mo-nos logo assim de saída. O que aconteceu está acabado e águas passadas não movem moinho, como diria o Conselheiro Acácio, em sua sabedoria...

Realmente, esta cena passou-se comigo na chuvosa manhã do dia 1.º de janeiro, bem ao contrário do que planejara cuidadosamente nas últimas semanas do ano findo. Dois colegas, um de São Paulo e outro de Minas, e suas respectivas esposas, vieram passar no Rio as festas de fim-de-ano. Preparei-lhes um programa "infernal", o qual seria, como os sonetos de Bilac, fechado com chave-de-ouro. E, aqui entre nós, a chave era mesmo de ouro, a fechadura — meu Deus do céu — é que pôs tudo a perder.

O melhor, porém, é contar logo o caso:

Pouco antes d a meia-noite estávamos os três casais, o mineiro, o paulista e nós, o carioca, abançados alegremente em torno de uma mesa, enfeitada de margaridas e dalias, na "boite" Monte Carlo. Resolveramos gastar nossos setecentos cruzeiros por casal, (fora os extras) de modo a comemorar o "reveillon" de 1952 dignamente e — diga-se de passagem — eu estava intimamente orgulhoso por ter escolhido o local para isso. Tudo era alegria, risos, ruído e música e dança (e por falar em dança: Não há melos de eu pegar o ritmo da conga). A meia-noite, então, não se conseguia ouvir os próprios gritos, tal o barulho. Mas, o melhor da festa fora marcado para uma hora da madrugada. Ai teríamos o "show bacanal", fartamente anunciado pela imprensa do governo e da oposição. Quando os ponteiros aproximavam-se da hora, comecei a desconfiar de qualquer coisa. É que um senhor perguntava ao "distinto público" se queria ou não o "show", e, diante da afirmativa, explicava que o mesmo teria lugar às duas horas ou que, finalmente, verificou-se às duas e meia. Mas não o "show" pelo qual pagáramos trezentos e cinquenta pratas contadinhas, e, apenas, o rabinho do espetáculo.

Houve então, protestos justos, mas além de justos eles eram engraçados, pois foram do assobio à chuva de flores em cima de uma artista, que nos meus tempos de menino, era um encanto.

A orquestra meteu os peitos valentemente procurando, pelo ruído, abafar o movimento galante de revolta. Nessa altura dos acontecimentos, todavia, os fregueses não iam para a pista de dança, preferiam, talvez animados pelo "champagne" e pelo "whisky", manifestar francamente seu protesto pela burla, pela impostura e pela má fé de que tinham sido vítimas. Então aquilo era coisa que se fizesse? Uma refeição muito réles, um pedacinho de "show" pior ainda, e uma voracidade louca para empalmar o dinheiro da gente. Sobre isso para se ter uma idéia, basta dizer que uma garrafa de "whisky" "Embassy" custou mil e setecentos cruzeiros.

Não obstante, divertíamo-nos, o que provavelmente teria acontecido em qualquer outro lugar por muito menos dinheiro, e foi nesse estado de espírito que tivemos conhecimento de dois fatos curiosos e que meu amigo mineiro classificou de "golpe de sabedoria inescrupulosa". O primeiro é que o Sr. Carlos Machado foi, justamente naquela noite, passear em São Paulo, abandonando a "boite" à sua sorte; o segundo é que o Sr. Teófilo de Vasconcelos — considerado o "ciou" do espetáculo — tinha, pura e simplesmente, dado o "bolo" e aquelas "vagabundias" (segundo o nosso informante, o irmão do Sr. Carlos Machado) sabendo que o Teófilo "fizera a pista" também não tinham vindo para o número. Ele, coitado, não tinha culpa nenhuma.

Sem dúvida o pobre homenzinho não teve culpa nenhuma. O culpado fui eu em escolher,



REVEILLON 1952

MENU

CREVETTES PANÉES

Sauce tartare

(fulhote de camarão metido a presa)

MIGNON DE BOEUF

A la façon de Monte Carlo

(o vulgar bife com fritas)

BISCUIT GLACE (biscoito mole c/sorvete)

Café ☐ derretido

(em xícara de média, sem pires e com uma só colherzinha para todos ...)

SHOW
"BACANAL"
(noca de
pilibritabas...)

Cr\$ 350,00
Par personne
(traduza-se: por
... trouxa !!!)

entre tantas "boites" boas, precisamente aquela para levar os meus amigos. E agora aqui estou eu aborrecido, não por ter ficado quase arruinado o que periodicamente se verifica comigo, mas por não poder convencer minha esposa e as esposas de meus amigos de que não sou, realmente, o mais ingênuo e trouxa dos mortais...

IMAGEM E MOVIMENTO

Por JONALD

PRÉ-ESTRÉIA

NASCIDA ONTEM

(BORN YESTERDAY)

PRESENCIADO EM LONDRES

BOM — Sente-se a sombra de um palco nesta comédia. Contudo, esta adaptação de uma peça de grande êxito, escrita por Garson Kanin, resultou em bom divertimento. Relativamente ao que se tem visto no gênero, é um dos espetáculos mais agradáveis no tocante ao humorismo típico ao povo americano. O primeiro merecimento é que não teve apenas o intento de fazer rir. Há sátiras de inegável classe em meio do desenrolar, particularmente endereçadas ao regime político da Terra de Tio Sam. O caso de um deputado que se deixava subornar, serve de um dos comprovantes para sugerir a inteligência ferina de Kanin nesta feliz concepção. O adaptador (Albert Mannheimer) não teve preocupação de fugir do vínculo da ribalta. Aliás, é tradicional este respeito de Hollywood aos grandes sucessos da Broadway. Ou melhor, pensam muito nas centenas de milhares de pessoas que, por anos a fio, conhecem o

original no palco. Todavia, conforme também tem ocorrido em outras comédias teatrais filmadas, o conjunto conseguiu um justo equilíbrio.

Certamente, a experiência de George Cuckor muito contribuiu para o resultado. Antigo diretor de teatro tem, em sua galeria de realizações, uma grande série de belas obras inspiradas nesta arte conforme o foram "Romeu e Julieta", "A dama das camélias", ou nas comédias: "Nupcias de escândalo", "Duas vezes meu", etc., e, ainda, assimilando o próprio sentido de outras peças de Kanin, conforme "A costela de Adão". Tudo isto trouxe segurança ao realizador e há tanta passagens de fato engraçadas, sem recair na rotina, que credenciam o espetáculo e fazem esquecer o defeito de ser mais teatro do que cinema. Entre os seus cooperadores há que citar o prévio desenho das tomadas, a cargo de Harry Horner, um especialista que tanto se distinguiu na



Judy Holliday, premiada pela Academia de Hollywood por este filme.

Europa, e a fotografia sempre impecável de Joseph Walker.

Entretanto, no campo da interpretação é que está o ponto alto do celulóide. Será muito difícil esquecer a composição emprestada por Judy Holliday a este trabalho. A sua voz de "falsete" e os trejeitos de uma criatura sem a menor instrução são sugeridos com tal senso de arte que a sugestão de realidade se torna bem decisiva. Embora não seja uma atuação mais difícil do que outras no setor dramático, não se pode recriminar, desta feita, a Academia de Hollywood por lhe ter conferido o prêmio máximo de 1951. Ao seu lado, há outros desempenhos também muito eficientes. Em primeiro, Broderick Crawford, muito ajustado a um outro caráter de índole primitiva e, ao mesmo tempo, empedernido pelo lucro fácil, William Holden também contribui para reforçar o agrado do elenco e, entre os coadjuvantes, é preciso citar Howard St. John.



O filme é realmente divertido: William Holden e Judy Holliday em um trecho.

2.º Festival Mundial de Punta Del Este

CERCA DE 40 "ASTROS" E "ESTRELAS" DE TODO O MUNDO — PROMETE SUPERAR O ÊXITO DO ANTERIOR — "FON-FON" NA EMBAIXADA — REPORTAGENS ESPECIAIS SOBRE O FESTIVAL

Prepara-se a aprazível cidade de praia de Punta del Este, no Uruguai, para festejar o seu segundo Festival Internacional. Certamente, os leitores devem estar lembrados do êxito que constituiu a primeira festividade. Organizado com toda a eficiência, proporcionou um marcante sucesso artístico-cultural além de ter servido para um intercâmbio entre os principais países do mundo. Da Inglaterra, Estados Unidos, França, México, Itália, Brasil, Argentina, etc. afluíram não apenas grandes "astros" internacionais — certamente os leitores lembram-se das suas passagens entre nós — como também destacadas figuras de cineastas e técnicos de toda a parte do mundo. A tudo, isto juntou-se uma brilhante parte social, trazendo, consequentemente, uma grande repercussão internacional.

AGORA, PATROCÍNIO OFICIAL DO GOVERNO URUGUAIO

O segundo Festival, que se vai efetuar dentro em breve, promete superar o sucesso do anterior. Enquanto que o primeiro foi uma iniciativa particular, tão somente amparada pelo Governo do país amigo, o de 1952 é uma organização direta e oficial do Uruguai. São deveras animadores os preparativos que se ultimam na pitoresca cidade de Punta del Este sendo já considerável o número de turistas que reservaram acomodações nos diversos e luxuosos hotéis da estância balnearia.

CARACTERÍSTICAS DO FESTIVAL DE PUNTA DEL ESTE

Haverá a exibição de grande número de filmes internacio-



A impressionante vista aérea da famosa Punta del Este, onde se realiza o Segundo Festival Mundial.

nais, aliás em número superior ao Festival passado. Entretanto, a circunstância que particulariza o de Punta del Este no tocante a de outros centros da Europa é o seu sentido, eminentemente festivo. Para ilustrar este aspecto nada melhor do que reproduzir as declarações de Giacomo Rancati, Presidente do Conselho de Ministros e da Direção de Espetáculos na Itália quando do seu regresso a Roma, após a efetivação do primeiro: "Veneza é uma mostra de arte cinematográfica e Punta del Este é um Festival Cinematográfico. É dizer: na Itália é uma exposição dedicada exclusivamente ao que se considera arte no cinema. Em Montevideu é uma grande festa, onde tem lugar todas as manifestações de cinema".

"FON-FON" NA EMBAIXADA

O nosso país foi oficialmente convidado, pelo Governo Uruguai, a se fazer representar em Punta del Este. Encaminhada a parte oficial do convite ao Instituto Nacional de Cinema Educativo, o seu diretor, Pedro Gouveia Filho, indicou, para Delegado do Brasil os srs. Oswaldo M. de Oliveira (Filmoteca Cultural do Rio de Janeiro) e A. Nonemberg (Vera Cruz de São Paulo). Isto significa também que FON-FON também fará parte da delegação. Consequentemente, da mesma forma do que sucedeu no ano anterior, quando do Segundo Congresso Internacional do Film Club, os leitores desta revista terão não apenas reportagens sobre o referido Festival, como também sobre algumas outras cidades sul-americanas, inclusive Bue-

nos Aires. Através dos convites endereçados pelo governo Uruguai, será numerosa a comitiva brasileira. Até o momento de encerrarmos estas notas estavam indicados diversos nomes, entre atores e dirigentes do cinema pátrio como os de Franco Zampari, Severiano Ribeiro, Watson de Macedo, Anselmo Duarte, Oscanito, Eliane Lage, Fada Santoro, Tonia Carreiro, Marisa Prado e outros.

A DATA DA REALIZAÇÃO

Possivelmente, quando este número estiver em circulação, já deverá ter sido iniciado o grande Festival porquanto já estava eminente a partida dos convidados dos vários países, inclusive do Brasil. Portanto, dentro em pouco FON-FON iniciará uma série de sensacionais reportagens em Punta del Este, as quais terão início com exclusivas entrevistas com os famosos artistas da Europa e Estados Unidos presentes ao certame.



Ecos do 1.º Festival: o brasileiro Anselmo Duarte cercado por "fans" uruguaios.



Marisa Prado um dos componentes da delegação brasileira.

SAO LUIS
FONE 357679-257459

VITORIA
FONE 42 8020

RIAN
FONE 411222

LEBLON
FONE 277605

CARICA
FONE 26 8175

SAO PEDRO
FONE 277605

COLISEU
FONE 29-5715

2ª FEIRA

VERA CRUZ
apresenta
ELIANE LAGE

Cingela

apresentando
INESITA BARROSO

ALBERTO RUSCHEL
MARIO SERGIO

ABILIO P. de ALMEIDA
RUTH de SOUZA
LUIZ GILBERTO SAI EI

Proibido ate 14 anos

CINE JAZZ

Especial para o FON-FON
Por LOUIS SERRANO

DAVE CAVANAUGH

nosso amigo Cavanaugh, bonachão e sempre risinho, não foi sempre bar-
rigudo e em seus bons tempos de Colégio foi um atleta notável, ganhando medalhas como jogador de futebol e bola ao cesto.

A sua vida musical começou aos sete anos, quando o seu irmão mais velho lhe presenteou

com um saxofone. A sua natureza tem a seu cargo as gravações de Kay Starr, Julia Lee, ral inclinação para a música se revelou imediatamente, e com muito pouco estudo teórico, e já mostrando um estilo todo pessoal, aos quatorze anos já podia tocar em orquestras da sua cidade natal, Whitefish, em Wisconsin. Ao terminar o seu giná-

Alan Ladd, o simpático galã de Hollywood, dedicando a FON-FON esta fotografia, enviou-nos seus votos de "paz, alegria e felicidade".



sio, Dave resolveu aventurar-se com um pequeno grupo local, tocando clarineta e saxofone. A pedido dos seus amigos começou a fazer arranjos para as orquestras onde colaborava com o seu instrumento predileto, o saxofone. A California sempre lhe pareceu o lugar ideal para viver e para aqui partiu ao terminar os seus estudos, resolvido a fazer "algo" que ficasse... Em 1937 o encontramos trabalhando no estúdio da Paramount, e tocando na orquestra de Andre Kostelanetz. Mais tarde passou a trabalhar no Departamento musical da RKO, Warner Brothers e finalmente na Columbia.

Em 1940 associou-se à orquestra de Al Donahue, Ozzie Nelson, Ted Straeter e Joe Reichman, como saxofonista e arranjador. Em 1943 resolveu formar a sua própria orquestra, que alcançou rápida popularidade, não tendo porém durado muito, pela guerra que separou os seus "boys". Em 1945 o vamos ver como arranjador, saxofonista solista e manager da orquestra de Bobby Sherwood. Não durou muito tempo também esta sua associação com Sherwood, pois este resolveu terminar em 1946 a sua orquestra e dedicar-se ao cinematógrafo. Dave voltou para a sua Califórnia e formou um pequeno grupo para tocar em cassinos e "night-clubs". Até hoje as suas melodias dançáveis são muito populares entre os jovens que gostam da maneira como Dave trata uma melodia, flutuando entre o moderno e o "clássico" Glen Miller.

1946 marca a sua entrada

Eleanor Parker, a fulgurante "estrela" da Paramount, mandou-nos também, pelo Natal, sua mais recente fotografia, com expressão dedicatória.

para a fábrica Capitol como condutor e arranjador. Desde Ella Mae Morse, e tem o seu dizer em todas as gravações de "jazz" da marca das Estrelas.

Apesar da sua rotundidade, Dave continua a gostar imensamente de esportes, e me confessou que sempre que pode joga uma partida de baseball com o seu filho Daniel... A sua especialidade porém, no setor doméstico, é a de cozinheiro emérito de comidas típicas, com pimentas e "chili".

Em sua bela casa em Hollywood, passa horas ouvindo os

seus compositores favoritos, tendo uma coleção completa das composições de Debussy, Stravinsky e Chopin. E se não estiver ouvindo os seus discos, pode procurá-lo em sua cadeira preferida onde o encontrará lendo uma história de detectives... quando tem tempo!

Entre as suas composições mais populares temos "Cold-Hearted Daddy", gravada por Julia Lee, "Cling to me, Baby" e "Blue Holiday", gravadas por Joe Alexander, e "Frettin' for some Pettin'", grava por Jesse Price.



Meias

Pedestal da Beleza Feminina

...de onde se levanta
a plástica maravi-
lhosa de suas formas,
traduzindo no mis-
tério das malhas flexi-
veis, o encanto per-
turbador do eterno
feminino!

As **CASAS OLGA**, a maior
organização especializada em
meias do Brasil, possuem o
melhor para a elegância fe-
minina, em variedade, be-
leza, durabilidade e preço.



Ouçam aos sába-
dos, das 14 às
14.30 no Rádio
Mayrink Veiga, o
programa "Cam-
panha da Boa
Vontade"

casas olga

tradição do comércio de meias

Rua do Ouvidor, 122
Rua 7 de Setembro, 133
Av. Rio Branco, 119
Rua Uruguaiana, 20 e 22

modas de FON-FON

UM vestido bem-feito não faz a elegância de nenhuma mulher, a menos que sejam levados em consideração os mínimos detalhes que, em seu conjunto constituem a harmonia entre a silhueta corporal e os elementos plásticos do vestido. Estes elementos são os acessórios, o corte e os detalhes que compõem o modelo, como sejam a linha do decote, a linha da saia, a blusa, as mangas, etc.

O decote, por exemplo, é um elemento de grande valor, que deve merecer, por parte das mulheres, um cuidado todo especial no momento em que se escolhe o modelo de um vestido. Não é sem motivo, que os grandes costureiros de Paris ou dos centros adiantados da moda, lhe consagram uma posição de destaque, todas as vezes que apresentam novas coleções no princípio de cada estação. Frequentemente mesmo, a linha do decote é de tal importância, que chega a caracterizar essencialmente toda uma coleção apresentada. Na última primavera e no último verão, Castilio, da casa Lanvin, notabilizou todos os seus vestidos, inclusive casacos e "tailleurs", por um decote original, que é denominado de "decolle" ou "degage", caracterizado pela sua obliquidade, e por libertar amplamente o pescoço depois de se destacar da pele. Apesar de bastante original, esse tipo de decote é muito perigoso porque exige um colo e um pescoço bem-feitos, sendo completamente desaconselhado às mulheres magras ou de pescoço muito longo.

Christian Dior, este grande mestre da alta costura francesa, célebre por suas ideias revolucionárias, também dedica um carinho todo particular ao decote dos seus vestidos. Recentemente, isto é, na última primavera, ele lançou um decote diferente, que batizou com o nome de "trou de serrure" ou seja, "buraco de fechadura", por ter uma semelhança quase "à integral" com aquele elemento da porta. Para obter essa forma, Christian Dior cortava seus decotes em "V" e lhe anexava uma gola reta e estreita, toda da mesma largura, que não alcançava, na frente, o ângulo inferior do "V", parando a meio-caminho do decote. Algumas vezes, o "V" era substituído por um semicírculo, que não chegava a alterar a forma básica do decote "trou de serrure".



Vestido para a tarde, em linho amarelado, apresentando um novo estilo de manga denominado "vaso de flores". Da coleção de Neiman Marcus para 1932. — Manequim 42 — Moldes de 11 a 16 no Suplemento anexo.



Dois modelos de anáguas, uma em tafetá preto e outra em tafetá cor-de-ouro. São cortadas em seis paños arredondados nas costas e arrematadas com renda preta. — Manequim 46. — Moldes de 5 a 10 no Suplemento. — (Foto Apla)



que, por ser menos perigoso que o "degage", foi muito mais bem aceito pelas mulheres durante o ano de 1951.

Também muito original pelo seu imprevisto, foi o decote lançado recentemente por Jeanne Lafaurie, denominado "mystère", que descobrem impudicamente as costas, em contraposição ao decote alto e fechado na frente. Muito "habillé", esse tipo de decote só é conveniente aos vestidos de noite, de "cocktail", de teatro ou de baile. Não exige muito do físico da mulher, a não ser umas costas bem modeladas.

Por tudo isto que acabamos de dizer, a leitora já pode ter uma ideia do papel preponderante que exerce o decote no aspecto final de um vestido.

Se você tem o pescoço muito comprido, procure usar decotes altos ou guarnecidos de golas altas, que irão dar a impressão de que ele é mais curto. Se, pelo contrário, é muito curto e grosso, evite os decotes altos, usando tanto quanto possível os decotes alongados em "V", os quadrados e os que descobrem generosamente o busto. Se você tem um belo pescoço bem torneado, um colo cheio e atraente, não os esconda ávaramente; mostre-os em decotes amplos, mas não exagerados, a não ser quando se trata de vestidos de baile, pois nada regala mais aos olhos do que a visão de um busto gracioso, palpitante de beleza e mocidade. — G.B.

Seja uma das primeiras!



Durante uma temporada especial a Sra. poderá adquirir a sua **ELNA - SEM ENTRADA INICIAL.** Seja uma das primeiras a inscrever-se no nosso plano de pagamento oferecido pela **ELNA.** Visite uma de nossas lojas e peça uma demonstração sem compromisso.



O "braco livre" simplifica o trabalho e facilita o uso de acessórios.



A luz embutida lhe permitirá costurar a qualquer hora.



ELNA costura qualquer tecido fino ou grosso.



É MODERNA, ELÉTRICA, PORTÁTIL!

COMPANHIA DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

Rio de Janeiro - Av. Calógeras, 23 - Tel. 32-6642
e Av. Rio Branco, 120 - Loja 22
São Paulo - Rua 7 de Abril, 248 - Tel. 34-8 51
Belo Horizonte - Rua Tambois, 90 - Tel. 2-1930
Porto Alegre - Rua dos Andaraes, 1538 - Tel. 9 1643
Recife - Rua da Concordia, 143
Curitiba - Rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 515 - Tel. 4174
Juiz de Fora - Rua Marechal Deodoro, 385 - sala 103 - Tel. 1636
Santos - Rua João Pessoa, 16 - 4.º andar - Tel. 2-7458
Salvador - Ed. Sul América - Trav. Bonifácio Costa, 2 - salas 513/515
Campinas - Rua 13 de Maio, 410

Solicite-nos sem compromisso uma demonstração de ELNA em sua residência.

Nome: _____
Endereço: _____ Tel.: _____
Cidade: _____
Estado: _____

2 MODELOS FATH



O organdi e todos os tecidos leves terão grande época no verão deste ano. Nesta página, apresentamos dois modelos de Jacques Fath, executados em organdi branco, ambos de linha bem juvenil e vaporosa. O primeiro, com a blusa plissada, guarnecida de uma grande gola, tem a saia toda bordada em folhas de tamanhos variados. O segundo, completamente trabalhado com entrelaços de renda valenciana, tem a blusa fechada por botões pretos, que combinam com o cinto.



(S) 1w8%&L0j 4 : LjUAMAKaBq : B 1q 20s0at0c : + rhD : mS : fM : gatiSiv

1 Vestido de noite, em organza de nylon prata, cujo busto sem alças apresenta três pregas em tafetá branco, guarnecidas de botões-fantasia. Acompanha um amplo "mantem" em tafetá vermelho.

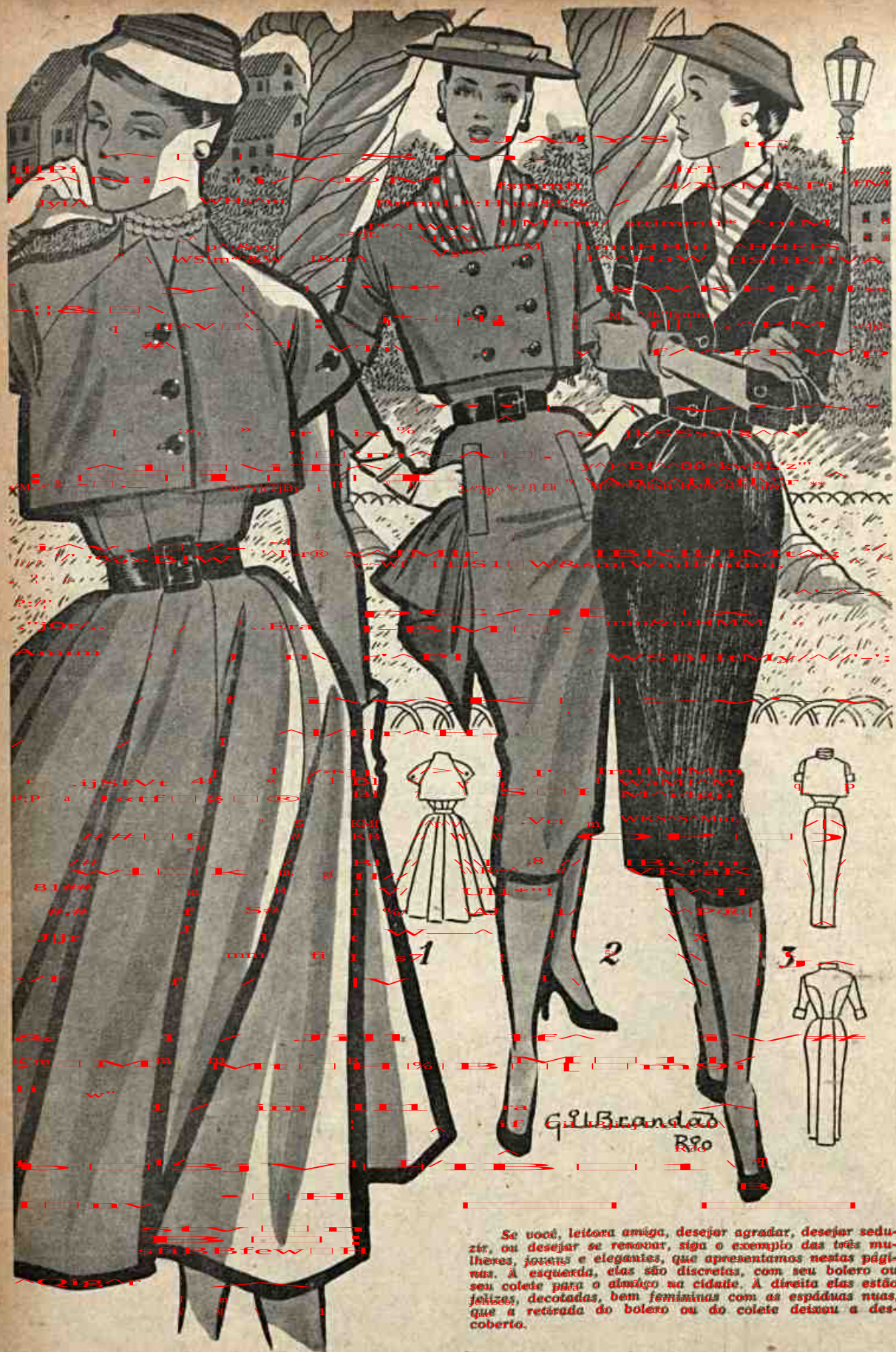
2 A blusa frente-única, em linho preto, deste modelo de verão, se completa com uma saia rodada, uma estola franjada e uma gola em linho listrado.

G. Brandão R70

saias amplas

- 1 Vestido em anaraga, com recorte abotoado na blusa-quimono. Saia ampla, em pregas soltas.
- 2 Modelo em linho cinza, com o corno incrastado de linho preto, formando um desenho. Saia godê abaixo dos quadris.
- 3 Em shantung verde, este vestido de amplo decote está guarnecido por bandas de shantung branco. Saia godê com dois grandes bolsos aplicados.





Se você, leitora amiga, desejar agradar, desejar seduzir, ou desejar se renovar, siga o exemplo das três mulheres, jovens e elegantes, que apresentamos nestas páginas. À esquerda, elas são discretas, com seu bolero ou seu colete para o almoço na cidade. À direita elas estão felizes, decotadas, bem femininas com as espaldas nuas, que a retirada do bolero ou do colete deixou a descoberto.





1 **BALENCIAGA** — Em tafetá rosa, é esta blusa frente-única com grande nó, que se esconde sob um bolete-afro-chito, em shantung de seda preto, como a saia estreita.

2 **PIERRE BALMAIN** — Blusa em renda "guipure" preta, gola e punhas em piquê branco. Saia ampla em "guipure" branca e grandes rosas vermelhas na cintura.

3 **LANVIN-CASTILLO** — Vestido reto em alpaca branca. Decote preso por peixes a uma gola "cootie". Bolsos-colete na saia e écharpe azul.



1 PAQUIN — Vestido sem alças em linho preto, abotoado na frente, com um drapeado no decote, em organza rosa, dando um nó nas costas.

2 J. LAFABRIE — Paletó de mangas-quimono, em shantung rosa, sobre um vestido de gorgurão preto, sem mangas e adornado de flores no decote.

3 ROBERT PIGUET — Amplo "cache-tout" em "toile" cor-de-rosa, de mangas raglan curtas, sobre um vestido de alças do mesmo tecido, com cinto de verniz.



1. **SCHIAPARELLI** — Duas-piças, composto de paletó em linho azul-marinho, sem gola nem lapelas, mas cujo largo decote comporta uma écharpe, e uma saia azul-claro.

2. **JACQUES HEIM** — Linho branco, com incrustações de renda grossa. Na blusa, de decote amplo a renda forma mangas.

3. **CARVEN** — Vestido de blusa-quimono e saia enrolada formando tânica, todo guarnecido por um motivo de passamanaria.

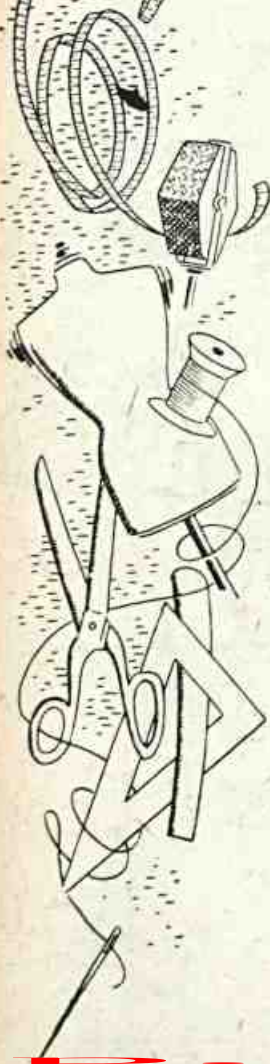


1. Em tecido de algodão quadriculado faz-se este modelo, que tem a gola e os punhos em fazenda unicolorida, a saia com pregas sem passar, presa a uma pala.

2. Sugestão para a praia, com grande gola e interessantes bolsos na saia.

3. Outro modelo para a praia, tendo a saia, com bolso, coberta por uma sobre-saia aberta dos lados.

departamento de modas



UM MODELO ESPECIALMENTE DESENHADO PARA VOCE.

Sob a orientação do "Departamento de Modas de FON-FON", Gil Brandão desenhará, exclusivamente para o seu tipo, um lindo modelo, que será publicado nas páginas de FON-FON. Para candidatar-se a essa verdadeiramente sensacional oferta de FON-FON basta enviar-nos uma carta "descrevendo o seu tipo — altura, peso, cor dos cabelos e da pele — informando-nos sobre a idade, as medidas exatas (coupon na página ao lado) e a finalidade do vestido: noiva, esporte, baile, etc."

ATENÇÃO:

O Departamento de Modas de FON-FON está aparelhado para, doravante, aceitar encomendas de moldes de quaisquer modelos publicados em revistas ou figurinos nacionais ou estrangeiros, ao preço de Cr\$ 15,00.

FON-FON procura, deste modo, atender, ainda mais amplamente, suas leitoras, bastando, pois, enviar o modelo escolhido, com o número de seu manequim e quaisquer outros detalhes que julgar necessários, juntamente com a importância de quinze cruzeiros (que pode ser em selos de Cr\$ 0,40) anexa, para um dos seguintes endereços: — Rua Pedro Alves, 60, ou Rua da Assembleia, 9 - loja - "A Tutipa".

OS MOLDES DOS FIGURINOS PUBLICADOS POR "FON-FON" CONTINUAM A SER OFERECIDOS GRATUITAMENTE, BASTANDO, PARA ISSO, ENVIAR O COUPON PUBLICADO NA PAGINA AO LADO.

NOVO MÉTODO DE COSTURA "FON-FON"

Chamamos a atenção de nossas leitoras para o Novo Método de Costura que está sendo lançado por FON-FON, método esse de autoria de D. Eloina A. de Araújo, e revisão artística de Gil Brandão. A finalidade do Departamento de Modas de FON-FON, ao lançar este novo e prático Método de Costura, é habilitar todas as suas gentis leitoras a fim de que possam confeccionar seus próprios vestidos, ou quaisquer outras costuras que desejarem.

CORRESPONDÊNCIA

Acusamos o recebimento da correspondência das leitoras abaixo relacionados, contando interessantíssimas sugestões, observações inteligentes e cuidadosas sobre as nossas diversas seções, assim como agradecimentos pelos muitos recebidos e por outras razões. A todas os nossos sinceros agradecimentos e os votos de que continuem prestigiando a revista feita para o lar.

São as seguintes as leitoras:

Amélia Pelegrino Pereira — DF; Fa-de-FON-FON, E.S.; Hilda Gaspar — DF; Nelly — DF; Aparecida Antunes — SP; Zaira Bathosa — DF; Ida Klein — RGS; Rosa da Silva del Rosso — SP; Edith Fellet, MG; Yvone Ramalho — DF; Eda amotillo — SP; Tereza Gomes de Souza — DF; Adalgisa R. Monteiro — P; Regina Martins — DF; Glória Fontes Gerhart — DF; Itza Schaufert — SC; Maria Soares — DF; Maria Quintéria — DF; Lourdinha de Ferrante — C; América Corrêa Rocha — SC; Zira Costa — DF; Altina Salles de Mendonça — DF; Neusa da Costa Barros — DF; Terezinha Coelho dos Santos — DF; Norma Viana — DF; Mme. Leonor — DF; Fernanda A. Berlese — RGS; Martha Waltenberg — MG; Alcina Carvalho — SP; Maria Helena Lamago — RGS; Adir Visconti — DF; Julieta Rodrigues Costa — SP; Rosmari H. Santos — SP; Olinda Cardoso — SP; Yolanda de Freitas — G; Nilza Ribeiro Guimarães — DF; Yvone Klein — MG; Maria Janiques — DF; Celeste Pereira — DF; Filomena Bacellar Vêras — DF; Isis R. Souza — DF; Yeda Maria Borel Machado — P; Gracinda Reis de Sá — DF; Célia Carneiro da Rocha — DF; Yvone da Fonseca — DF; Lotita Mirilli — DF; Neusa Silva — DF; Elaine Falcão — MG; Alice Ribeiro — DF; Mme. Ribeiro — DF; Nacima — DF; Marlene Lima — DF; Irene da Silva Costa — DF; Terezinha Alves — SP; Edy Viriato Medeiros — P; Inez Borges Curtó — DF; Judith Martins — DF; Maria Amélia Silveira — SP; Lúcia Isália Sacchi — SP; Rosa Rocha — DF; Chella Lopes — Campos; Leny Mendes — Petrópolis; Guilhermina Othero Araújo — DF; Seila R. L. Zdanowitz — SP; Rita de Carvalho — SP; J. Duarte — DF; Hilda Soares — DF; Hilsa Augusta Moreira — DF; Eulina — R; Mary Amaral — RGS; Lydia Arloff — Santos; Zica P. Fernandes — RGN; Ana Maria — DF; Zilda Moreira — DF; Maria Aparecida Ribeiro — RJ; Marilinda Costa — RGN; Isabel Cavalcanti — DF; Lygia Antônia de Souza Coutinho — Petrópolis; Rosina Cirranto José — DF; Geralda do Carmo — SP; Nilza Reis — DF; Rosa Antierro — SP; Maria do Carmo Toscano Leinig — P; Wanda — Bom Jesus de Itaboraí; Miriam — (3); Gleyde Maria Oliveira — RGS; Mariinha Cavalcanti — P; Zenaida Pereira — B; Hortência G. Solano — DF; Dulce C. Balbino — P; Maria Luiza Guimarães — DF; Yeda Castro e Souza — SP; Nair Paraíso de Carvalho — DF; Maria Aparecida — SP; Evany Siqueira Franco — SP; Marlene — DF; Lena Mara Santos — ES; Olga Cordeiro Cunha — DF; Yedda Nobili — DF; Maria Zilda C. Ramos, — C. Grande; Jandyrá Rosa — SP; Maria Judith Costa Salerno — SP; Laura Carneiro — P; Olga L. Ferreira — DF; Maura Tereza — DF; Rafaela Silva Miraglia — DF; Maria Fonseca Redondo —

de FON-FON

SP; Maria Salomão — DF; Maria José F. Lima — DF; Dircê Fredi — SP; Hilza Boente — DF; L. Cerqueira — MG; Josemar Rodrigues — DF; Matilde Melloni — SP; M. C. de Almeida — DF; Germana Machado — DF; Eva Costa Oliveira — SP; Madame Leonor Goetzé — MG; Lina Souza Cunha — MG; Dilia Moutinho — DF; Iracema Pina — DF; Evelyn Calvert — DF; Armênia Almeida — DF.

Solicitando a gentileza de voltarem preenchendo corretamente os coupons que dão direito a um molde a-fim de que possamos atendê-las, como é de nosso desejo, abaixo relacionamos as seguintes leitoras:

Dilza de Almeida Vasconcelos — DF; Olga Batista Souza — SP; Ilsa Sperhach — RGS; Lúlia Fróis — RGS; Jarema Dias Dick — RJ; Nêa Gouvêa Menchias — RJ; Lídia Maria Bonetti — SC; Aurora Gomes de Almeida — DF; Nair Saraiva de Carvalho — DF; Margaret Gromon — RJ; Gerty Maranhão — DF; Maria dos Santos Couto — DF; Myrthes Salles Duarte — MG; Magnolia Passos — SP; Ursulina I. Pomon — SP; Guilomar — DF; Maria Madalena — MG; Clíria Neusa Bovo — SP; Adoramin Naves de Araújo — MG; Elvira Lauria — SP; Eliza Laaria — SP; Guilomar — DF; Elza Nunes Tristão — RJ; Henriqueta Weirich — RJ; Teresa G. Souza — DF; Aniza Macedo — DF; Dén Cardoso — DF; Elsa Caldas — DF; Vera Lúcia Novis — DF; Margarida Ribeiro da Silva — DF; Hilda Alcides — RJ; Terezinha Vollaro — DF; Eluar Ana Marconi — DF; Amélia de Oliveira — SP; Manangusta Silva — DF; Regina Gomes Rocha — DF; Carmen Esteves — DF; Lourdes Pessanha — RJ; Zilza I. Fortini — ES; Leda Maria P. Mendes — SP; Alice Maria Teixeira — MG; Elza Andrade — DF; Maria de Jesus Vieira Santos — P; Archidemin S. Mattos — DF; Maria do Carmo Manso — DF; Azalia Franco de Andrade — SP; Anna Nicks — DF; Lucy Maria Wagner — RGS; Anésia Teixeira — SP; Lúcia Campos — DF; Eunice Santos Corrêa Dias — RJ; Dulcinea Gouvêa Bastos — DF; Léa Thomaz Fernandes — DF; Maria José Iajato — RJ; Hercília V. Cruz — ES; Adalgiza dos Santos — DF; Myrian E. de Oliveira — RJ.

TITY AZEVEDO — Escreve-nos reclamando o fato de que suas amigas receberam os moldes pedidos enquanto os que ela solicitou jamais lhes chegaram às mãos.

R.: — Lamentamos que tal tenha acontecido. São há duas hipóteses: ou tratou-se de extravio por parte do correio ou os coupons foram preenchidos de maneira inadequada. De uma maneira ou de outra, esperamos que o incidente não tome a acontecer.

YVONE TECHIO — (Magé — Estado do Rio) — Sentimos não poder satisfazê-la porque não sabemos que tipo de vestido a senhora nos pediu para desenhar.

Sra. **TENENTE DANIEL CAMPOS** — (Santiago do Boqueirão — Rio Grande do Sul) — Leia a resposta da Srta. Maria Fonseca.

Um Molde Gratuito Para Você!

FON-FON se propõe a enviar-lhe gratuitamente, o seu molde individual.

A pessoa interessada deverá encher cuidadosamente o coupon, com as medidas tomadas de acordo com as explicações ao lado.

O coupon publicado nesta página vale por um molde de qualquer das figurinhas estampadas neste número de FON-FON.

Poderá o coupon ser entregue pessoalmente, ou enviado pelo correio, para os seguintes endereços: — MOLDES FON-FON, rua Pedro Alves, 60, ou a Rua Assembléia, 79, loja, A TULIPA — Rio de Janeiro.

Atendemos pedidos de qualquer Estado do Brasil.

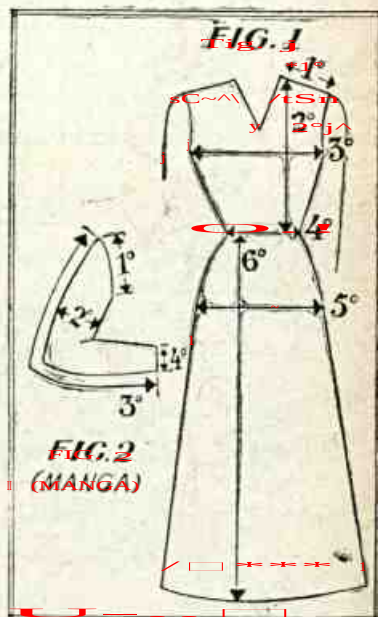
COMO DEVEM SER TOMADAS AS MEDIDAS :

FIG. 1

- 1.º — ombro
- 2.º — comprimento da blusa
- 3.º — largura do busto (circunferência)
- 4.º — largura da cintura (circunferência)
- 5.º — largura do quadril (circunferência)
- 6.º — comprimento da saia

FIG. 2

- 1.º — circunferência da cava.
- 2.º — largura da manga
- 3.º — comprimento da manga (braço dobrado)
- 4.º — largura do punho.



UM MOLDE GRATIS PARA VOCE - (19-1-1952)

QUEIRA REMETER-ME, COM BREVIDADE, O MOLDE DO MODELO Nº DA PAGINA Nº DE ACÓRDO COM AS SEGUINTES MEDIDAS:

FIG. 1	FIG. 2
1.º	1.º
2.º	2.º
3.º	3.º
4.º	4.º
5.º	
6.º	

NOME:

RUA:

Nº:

CIDADE:

ESTADO:

Conjunto para Criança de 1 a 2 anos

PULL-OVER, CAPUZ E LUVA

MATERIAL NECESSARIO

3 novelos de lã branca, 3 botões pequenos e 1 par de agulhas n. 3.

PONTOS EMPREGADOS

Santona — 3 tricot, 3 meia. Santona — 2 tricot, 2 meia. Jêrsêi — tricot no avesso e no direito. Cordão de tricot — tricot no direito e no avesso.

PULL-OVER.

Frente: — Montar 80 malhas e fazer 5 cm de santona (2 e 2) depois trabalhar em santona (3 e 3) aumentando 6 vezes 1 malha na 1.^a carreira e 1 ponto de 2 em 2 cm. Aos 20 cm formar a cava arrematando em cada extremidade 1 vez 4 malhas, 1 vez 3 malhas, 1 vez 2 malhas e 3 vezes 1 malha. Continuar retamente até 26 cm onde se

inicia o decote arrematando no centro 20 malhas em seguida 4, 4, 2, 2, 1 de cada lado. Fazer 4 cm retamente e fechar em 3 grupos para o ombro.

Costas — Montar 80 malhas e seguir as explicações fornecidas para a frente aumentando 1 malha de cada lado de 2 em 2 cm. Aos 20 cm formar as cavas arrematando 1 vez 4 malhas, 1 vez 3 malhas, 2 malhas e 1 malha 2 vezes. Continuar retamente até termos 30 cm onde se divide o trabalho em 3 partes. A 1.^a parte fecha-se em 3 grupos e será o primeiro ombro. A 2.^a parte trabalha-se normalmente que será o decote e a 3.^a parte procede-se da mesma maneira que a 1.^a que será então o 2.^o ombro, teremos então a parte do centro que se arremata de uma só vez: o decote.

Manga: — Montar 60 malhas fazer 5 cm de santona (2 e 2). Em seguida trabalhar em santona 3 e 3 aumentando 1 ponto de cada lado de 2 em 2 cm. Aos 30 cm arrematar de cada lado 2 malhas no começo e no fim de cada carreira até restarem somente 10 malhas que se arrematam de 1 só vez.

Montagem: — Passar a ferro, fechar as mangas e pregá-las dobrar em baixo o punho. Levantar com uma agulha de crochê os pontos do decote e fazer 3 cm em santona de 2 meia e 2 tricot. Deixar um ombro descosido para pregar os 3 botões de um lado e fazer as 3 casas correspondentes.

CAPUZ

Monte 150 malhas faça 10 carreiras de cordões de tricot e 50 carreiras no ponto de santona 3 meia e 3 tricot. Volte fazendo meia onde for meia e tricot onde for tricot. Arremate depois de findas as 60 carreira. Costure ao meio formando o capuz, vire a parte de cordões de tricot o que fica uma espécie de borda. Depois de virada essa banda, cate os pontos na parte de baixo, que deverá ficar junto ao pescoço. Quando estiver colocando os pontos na agulha apanhe a banda virada e o gôrrô ao mesmo tempo o que constitui um arremate perfeito. Faça então 12 carreiras de santona 2 meia e 2 tricot fazendo na volta meia onde for meia e tricot onde for tricot e arremate de uma só vez. Em cada ponta faça um cordão grosso feito da mesma lã.

LUVA

Começar pelo punho com 60 malhas. Tecer em jêrsêi, 20 carreiras, na 21.^a carreira diminuir 1 ponto de 2 em 2 malhas. Começar, em seguida, os aumentos para o polegar, ao centro 1 aumento, 2 pontos direitos, 1 aumento e assim por diante. Repetir os mesmos aumentos nas carreiras seguintes, pelo direito até ter 12 pontos entre os 2 aumentos. Deixar em suspenso os pontos da mão, num alfinete de segurança e trabalhar 8 carreiras do dedo polegar diminuir 1 ponto uma carreira sim, outra não, nas duas carreiras seguintes e arrematar, tomando todos os pontos em um só vez. Levantar os pontos em suspenso, unir ao dedo e tecer 4 cm em jêrsêi. Diminuir 1 ponto, 1 carreira sim, outra não, 2 vezes e arrematar.

Coser a luvinha e dobrar o punho ao meio para cima.



Crianças

Quatro bonitas sugestões para roupinhas de crianças, de fácil execução, e que devem ser confeccionadas com tecidos leves e de cores vistosas.



CRANÇA BEM VESTIDA ENVAIDECE OS PAIS
Sugestões da



Casa Valentim

VESTE AS CRIANÇAS DO BRASIL

Atendemos pelo Reembolso
Interior — Rio —

Postal — Solicite Catálogo ao Departamento do
Rua Sete de Setembro, 122 a 128 — Matriz

FILIAIS

São Paulo
Rua Líbero Badaro,
124

Beio Horizonte
Av. Afonso Pena,
543

Porto Alegre
Rua Andradax,
1625

Para as suas filhinhas, estes modelinhos para o campo, para a praia e passeio, alguns dos quais podem ser executados com um simples retalho de fazenda, ou com as sobras dos tecidos com que você confeccionou seus vestidos.



método FON-FON de corte e costura

LIÇÃO IX

PONTOS DE COSTURA A MÃO

(Conclusão)

Nesta lição de hoje, terminaremos com o assunto dos pontos de costura a mão, que iniciamos na semana passada.

PONTO DE CHULEIO

(Fig. 1) — Este ponto envolve as bordas livres internas das costuras, constituindo um arremate chato e firme, indispensável em fazendas que desfilam facilmente.

PONTO DE BAINHA

Cada pessoa tem a sua maneira individual para fazer bainhas. Os pontos mais comuns e mais utilizados são: — o ponto em espinha de peixe (Fig. 2) e o ponto clássico de bainha (Fig. 3).

No ponto em espinha de peixe, a agulha corre em dois níveis, dando pontos grandes na parte dobrada da bainha e pontos pequeninos, apenas tomando o fio, no avesso da saia.

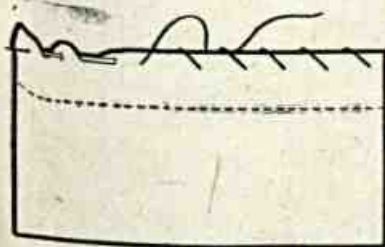


FIG. 1

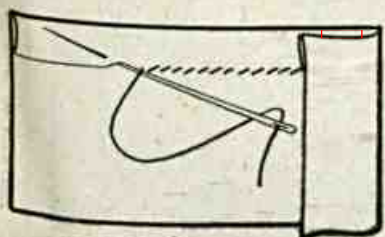


FIG. 3

O ponto clássico para fazer bainhas é semelhante ao ponto de chuleio que pega simultaneamente a parte dobrada e o avesso da saia.

Quando se trata de "tulle" ou filô, não se faz bainha de espécie nenhuma.

Um erro imperdoável é fazer-se uma bainha à máquina.

PONTO TRILHADO

(Fig. 4) — Este ponto é usado para bainhas, vivos, etc. cuja costura requer absoluta invisibilidade.

Em primeiro lugar, dobra-se e alinha-se a orla com ponto corrido ou então com costura a máquina.

Em seguida, enfiase a agulha no mesmo lugar de um ponto já feito, toma-se o fio do tecido inferior, e faz-se a agulha sair dois ou três pontos adiante.

PONTO CERRADO

(Fig. 5) — Este ponto constitui uma costura forte e praticamente invisível. É usado para prender duas orlas, para aplicar entremeios e rendas, etc. É uma espécie de ponto de chuleio bem pequeno e bem cerrado, como seu próprio nome indica.

De posse destes pontos fundamentais de costura a mão, a leitora já estará apta a fazer um vestido bem acabado, pois,

como tivemos ocasião de dizer na semana passada, a costura a máquina está destinada à construção do vestido, onde se requer firmeza, e a costura a mão aos arremates finais, que vão dar o verdadeiro valor ao trabalho.

Contudo, não basta saber fazer os pontos que acabamos de ensinar; é preciso fazê-los bem feitos.

Para isso, é prudente que a leitora, sem muita prática, tome de um pedaço qualquer de fazenda, faça-os e refaça-os várias seguidas, até adquirir a necessária habilidade, pois, como os pontos de bordado, os pontos de costura a mão, pela sua delicadeza, exigem muita leveza e bastante técnica.

Na próxima semana, ensinaremos como se faz o "bourrage" de um manequim.

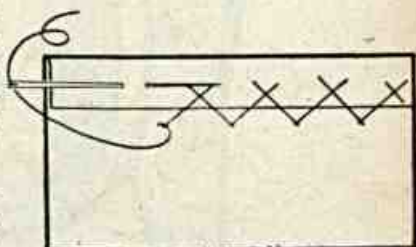


FIG. 2

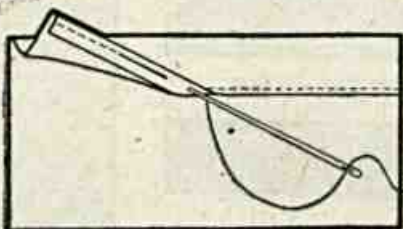
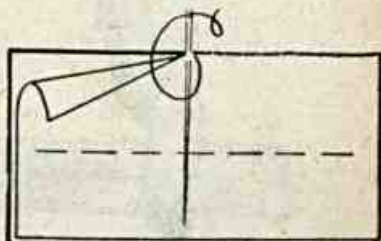


FIG. 4



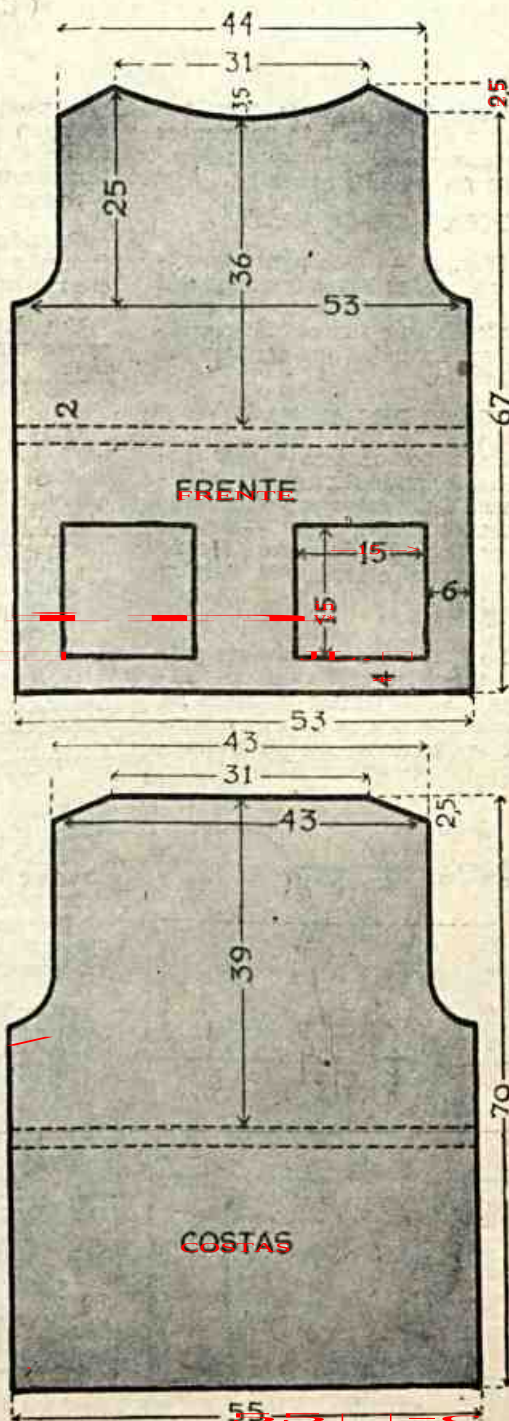
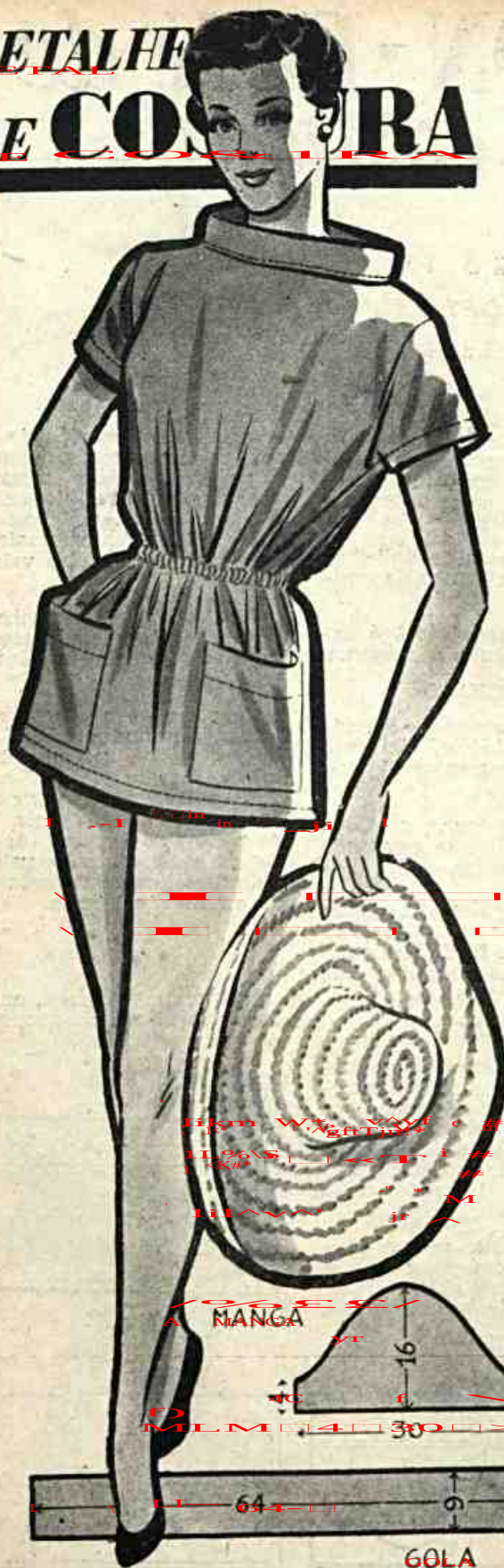
* FIG. 5

DETALHE DE COSTURA

TÔNICA DE ESPONJA PARA PRAIA

O tecido denominado esponja tem tido ultimamente grande aceitação em todos os centros de moda, já pelas tonalidades alegres e vivas em que se apresenta, como também pelas qualidades que reúne: preço acessível, facilmente lavável, dificuldade em amassar.

Nesta página, apresentamos uma tônica de praia que deve ser executada neste tecido. Dois retângulos reunidos pelas costuras laterais e dos ombros, duas mangas curtas e retas, um decote horizontal guarnecido por uma gola, dois bolsos aplicados, um elástico franzindo a cintura, costuras inglesas (para que o tecido não se desfie), tudo isto é simples com um "bom-dia" e lhe fará, querida leitora, uma saída de praia ideal para ser usada sobre um maiô.



Gr. Branda
Rio



1 Muito elegante este vestido adornado de grandes bolsos aplicados e realçados por pespontos de cor mais escura.

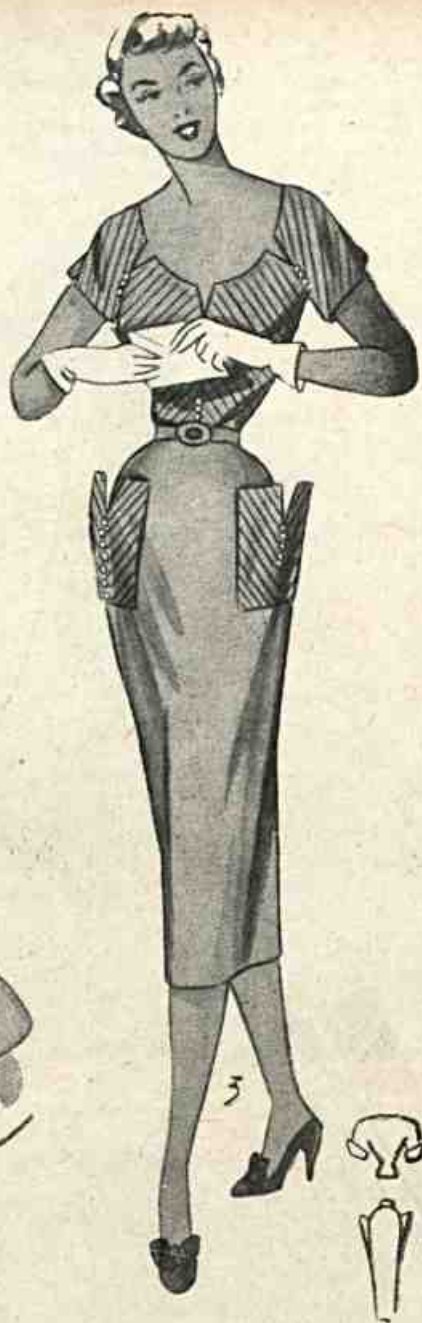
2 Puntões e gola em tecido com "pola" num vestido de tussor. Blusa trespassada e saia-envelope formando um só bolso.

3 Em seda ou algodão quadriculado este vestido leva uma gola tripla.

4 Vestido de tarde em shantung, saia com "ampleur" abaixo dos joelhos. Cinto e laço de gorgurão.

5 De linha assimétrica, este bonito vestido leva uma saia envelope que se imbrinca com a basque do casaco. Não de fustão branco no decote.

- 1 Atraente modelo em rayon de listras. Blusa chemisier, mangas três-quartos. Gola e punhos brancos.
- 2 Vestido combinando fazenda lisa e listrada. Saia justa com duas abas, que formam bolsos.
- 3 Executado em crepe-romain azul, este vestido de linhas simples é trabalhado de nervuras estreitas à mão.



BORDADO - CORTE E COSTURA
- CHAPEU -

Direção:
PROFESSOR NIORI

Rua Conde de Bonfim, 232 - Tel. 28-1270 □ □
 Av. N. S. Copacabana, 363 - Apto. 1312 □ □

1-Muito original-este vestido cuja basque termina em vito-
sa taça, de lado. Gola e punhas em pigme branco.



2 Bonito modelo em tecido de algodão liso e listrado, e saia alargada por pregas batidas.

3 Vestido em tecido listrado, com cinto de couro e abotoado nas costas.

4 Duas peças, com o corpo longo e ajustado, e saia plissada.



1 Vestido em mousseline de seda branca, com adornos de renda no corpo e na saia, cortada "en forme".

2 Modelo em tecido de algodão, abotoado nos ombros; saia franzida, com trabalhos de "jeans".

3 Juvenil modelo em tecido de dois tons, com pregas fundas na saia.

4 Vestido em linho branco, com o corpo e os bolsos enfeitados por galão ou bordado inglês.

5 Outro gracioso modelo em crepe de seda branco, com motivos "matelassés"; grande decote e pences dando forma ao corpo.



A dupla do Gosto-fino!



Que união feliz! O Óleo Soberbo traz um delicado sabor, para o prazer da boa mesa. É 30% de puríssimo óleo de oliva, originário dos mais afamados olivais da Europa e da Ásia Menor – e 70% de óleo de amendoim, bem brasileiro e super-refinado. Soberbo é leve, é puro, fino, cheiroso e nutritivo. É um primor na salada e na cozinha. Experimente-o hoje.



óleo **Soberbo**

PRODUTO DA

SANBRA
SOCIEDADE ALGODOEIRA DO NORDESTE BRASILEIRO S.A.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

SANTISTA
S. A. MOINHO
INDÚSTRIAS GERAIS

PANAM - Casa de Amigos



O segredo

do toucador depende de certos cuidados — cabelos ondulados, sedosos e isentos de caspa — que se obtém usando.

2 LOÇÃO

Phenomeno

PERFUMARIA TARRÉ - RIO

GRIPES

RESFRIADOS

NEURALGIAS



DORES
de CABEÇA

TRANSPIROL

O Transpirol é apresentado em tubos de 20 comprimidos e em cartezinhas de 2 comprimidos.

Culinário

O PRATO NACIONAL

SARAPATIL DE TARTARUGA

Prato típico do Amazonas, o sarapatil de tartaruga é feito com o baba (pulmão), estômago, fígado, coração e as membranas. Agora, vejamos como se faz:

Limpe e lave bem os miúdos da tartaruga e leve-os ao fogo, numa panela, para uma ligeira fervura. Se as membranas estiverem duras, deixe-as um pouco mais no fogo depois de retirar as outras partes. Pique tudo e deite num refogado feito com manteiga ou azeite (nunca use a banha ou toucinho de porco), e com todos os temperos comumente usados, mas ponha bastante pimenta do reino e cumimino. Abafe e deixe cozinhar um pouco, regando de vez em quando com um pouco do caldo em que ferveu os miúdos. Na hora de servir, junte pimenta de cheiro e engrosse o guizado com farinha d'água.

O PRATO ESTRANGEIRO

BORCHT FRIO

Eis uma sopa russa deliciosa que, como deve ser servida fria, é altamente aconselhável para os dias de calor. Agradecemos à senhonita Naume Ladosky a gentileza de nos ter enviado esta receita.

Cozinhe 3 beterrabas grandes. Depois de cozidas, e alguns tomates e depois passe tudo pela peneira. A massa assim obtida junte 1 copo de leite e 2 ovos. Desmanche a massa com o caldo em que cozinhou as beterrabas e guarde em lugar fresco até a hora de servir.

Chegou-nos também uma outra receita de borchst e, por ser um pouco diferente, achamos interessante dá-la para que nossas leitoras façam um confronto:

cozinhe 3 beterrabas grandes. Depois de cozidas, descasque-as e passe-as pela peneira. Junte meia colher de açúcar e meia colher de manteiga. À parte, faça 2 e meio litros de caldo de galinha e engrosse com 2 colheres (de sopa) de fubá de arroz. Quase na hora de servir, leve o caldo a ferver e junte as beterrabas. Se quiser, acrescente um pouco de molho inglês.

CANTINHO DA RECÉM-CASADA

Atendendo ao pedido que nos fez a gentil leitora Jaci Barros Costa, de Recife, aproveitamos este cantinho para dar algumas explicações sobre como confeitar bolos. Antes de começarmos, porém, é preciso que se diga que há certos truques que não podem ser bem explicados assim. Modificando um pouco o provérbio, só vendo para aprender direitinho. Mas se nossa leitora já tem algumas noções e uma queda especial para a "arte", aconselhamos que adquira os seguintes acessórios: 1 espátula de madeira, 1 paizinha de metal (como a de pedreiro), 1 espátula de borracha (também chamada "pão-duro"), 1 saco de borracha e 2 matrizes para prender os tubos no bico do saco, 1 peneira com tela de seda. Os tubos são os seguintes: n. 15 (pitanguinha — para fazer buquês de flores, etc.); n. 67 (folha simples, para os buquês feitos com o n. 15); n. 48 (serpinha — cercaduras, conchinhas, fitas entrelaçadas, palha de cestas, lagos rocoso, caramujos); pente n. 3 (bordados imitando Richelieu, cercaduras, varretas, armação de leques, hastas, arabescos, cêncas, rendas); pente duplo n. 43 (serve para fazer cordões de alfomadas, colunas, etc.); n. 53 (jasmims simples e dobrados, esparramados, retorcidos. Calcando o tubo consegue-se imitar os castiçais para velinhas de cores); n. 8 (pétalas de

OUÇAM, AS SEGUNDAS-FEIRAS PELA RÁDIO MAY-RINK VEIGA, A SUA PRAÇA, DAS 14 AS 14.30 HORAS, O PROGRAMA "CULINÁRIA DE BOM GOSTO"

FON-FON — 19-1-1952

de BOM GOSTO



rosas); n. 94 (folha dentada, para acompanhar rosas e bolões); n. 22 (leite de três folhas — serve para fazer o capotone, imitando mármore do piso ou para enfeitar capa de livro); n. 6 (margueta grande); n. 136 (margueta pequena); n. 98 (concha); n. 17 (pitanga grande); n. 73 (babado); n. 24 (micosela); n. 2 (pente maior); n. 59 (pétala de rosa pequena); n. 4 (pétala de rosa grande).

Na primeira aula aprende-se a trabalhar com o pitangão n. 19, e a folha simples n. 67. Na segunda, com a serena n. 48. Na terceira, já se fazem os bordados Richelieu e aprende-se a lidar com o peixe duplo n. 43. Em seguida, com os tubos n. 53, n. 8, n. 22. Somente na oitava aula é que se começa a colorir as glaces. Já temos dado as receitas de várias glaces, mas prometemos dá-las de novo na próxima vez, e, se possível, com uma explicação sobre como fazer um "Coelhinho para mesa de aniversário de criança".

CONSELHOS DA SEMANA

Não jogue fora os restos de pão, mesmo que você esteja mais que saturada de torradas, pudins e farinha de rocha. Deixe que os pães sequem ao ar e depois triture-os com o pilão ou passe-os pela máquina de moer. Conservada em latas, essa farinha grossa será preciosa para engrossar sopas, substituindo a tapioca.

Fermento em pó feito em casa — Misture bem e peneire diversas vezes: 100 gr de cremor de tártaro, 100 gr de bicarbonato de sódio, 100 gr de fécula de batata. Guarde em latas bem fechadas.

Para os dias quentes faça o seguinte refresco: — Prepare certa quantidade de café bem forte e ponha-o na geladeira. Na hora de servir, junte gelo picado, açúcar e limão à vontade.

SALADA AMERICANA

Em atenção especial à nossa amável leitora Sra. Eleonora Goetze, residente em Belo Horizonte — estamos à espera das receitas gostosas e já experimentadas. D. Eleonora — damos, fora do cantinho habitual, mais uma receita estrangeira, por sinal bem interessante e fora do comum. Vejamos:

Ingredientes: — 2 colheres de sopa de manteiga; 1 xícara de passas; umas gotas de molho inglês; 1 e meia xícaras de língua salgada; azeite, vinagre, sal; 1 xícara de maçã cortada fininho; polpa de 1 laranja; alface cortada; molho de maionese; tomates; pimentões verdes; 1 e meia xícaras de carne de galinha, em pedaços.

Modo de preparar: Cozinhue, na manteiga, as passas até que fiquem bem inchadas. Junte algumas gotas de molho inglês, a galinha e a língua. Tempere com azeite, vinagre e sal. Deixe esfriar. Junte a maçã e a laranja e arrume num prato, formando uma pirâmide. Faça uma cercadura com a alface e cubra com o molho de maionese. Enfeite, finalmente com tirinhas de tomates e de pimentões verdes.

CREME DE CENOURAS

Melo quilo de cenouras; 1 colher de chá de ácido de limão; 1 colher de chá (rasa) de sal; 1 colher de sopa de manteiga; 1 pitada de pimenta do reino; 2 colheres de sopa de farinha de trigo; 4 colheres de sopa de leite; água.

Corte as cenouras em rodela. Leve-as ao fogo, até que fiquem macias, num pouco de água com o caldo do limão, o sal e a pimenta do reino. Escorra a água, ou melhor, retire as cenouras e acrescente à água que ficou, a farinha desmanchada num pouco de leite. Junte o resto do leite e, sempre mexendo, deixe ficar uns 3 minutos a ferver. Esguente as cenouras nesse molho, ponha a manteiga e sirva logo.

MASSA PARA PASTEL

1 xícara de água morna; 1 colher de chá de sal; 1 colher de sopa de banha; 1 colher de sopa de manteiga; 2 gemas; farinha quanto baste. Misture tudo, bata bem a massa e deixe que ela descanse por meia hora. Abra-a então e recheie com picadinho de carne, de carne com linguiça, ou camarões. (Receita experimentada pela Sra. Dulce Cardoso).

PAO MINUTO

12 colheres de sopa de farinha de trigo; 2 colheres de sopa de açúcar; 1 colher de sopa de manteiga; 1 colher de sopa de banha; 1 colher de sopa de fermento em pó; 1 xícara de leite; 2 ovos.

Misture tudo bem (não amasse) e deite, às colheradas, em tabuleiro polvilhado com farinha. Forno quente.

CARRÉE DE LARANJA

Ingredientes: — leite de 1 côco; meia laranja; 2 xícaras de açúcar; 2 xícaras de farinha de trigo (mal cheias); 2 colheres de sopa de manteiga; 4 ovos; 1 colher de chá de fermento.

Modo de fazer: — Junte a farinha, o açúcar, a manteiga, os ovos, o leite de côco e o fermento. Bata até obter uma massa consistente. Leve ao forno em tabuleiro untado com manteiga e forrado com papel impermeável. Depois de cozido, cubra-o com glace de laranja (meia laranja espremida à qual se adiciona açúcar até ficar um caldo grosso).



Campanha da Boa Vontade

Por ZILAH BASTOS SEABRA

O GRANDE MESTRE

O profundo Leon Dénis escreveu esta página impressionante, com o seu alto poder de síntese: "O sofrimento é o grande educador do indivíduo e dos povos, quando se afastam do caminho reto e deslizam pelo charco da sensualidade, que é onde começa a decomposição moral. Sómente a dor, com o seu aguilhão, os conduz outra vez ao bom caminho. É necessário sofrer para desenvolvermos em nós a sensibilidade da vida. Essa é uma lei grave, austera, de fecundas consequências. É necessário sofrer para sentir, para amar, para crer, para ascender. Sómente o sofrimento põe um freio aos furiosos das paixões. Só ele desperta nas almas as reflexões profundas e íntimas, revelando aos homens o que há de maior, de mais belo e de mais nobre no mundo: a caridade". Vale a pena meditar nestas palavras do famoso autor francês.

BOA VONTADE E PAZ

Muita gente, que não cuida dessas coisas eternas de Deus, estranha que só as pessoas de boa vontade sintam a verdadeira paz dentro de seus corações. Na realidade, Deus sempre tem boa vontade para com todos os seus filhos, mesmo aqueles que se delectam nas maldades em que vivem. A palavra de Jesus era dirigida, especialmente, aos pecadores, ou seja — para os doentes, que precisavam de médico. Mas, no fim das contas, só os homens de boa vontade podem receber a paz de que nos fala o Evangelho: "Glória a Deus nas alturas, paz na terra aos homens de boa vontade". É evidente que as criaturas de má vontade para com as leis de Deus e o amor aos semelhantes (e são, infelizmente, a grande maioria) acabariam enredadas nas consequências dos males que praticam. Como podem conhecer a paz de espírito? Já as pessoas de boa vontade procuram cumprir as leis divinas, que lhes apontam o rumo certo da felicidade. E assim se explica por que só as criaturas de boa vontade conhecem a verdadeira paz...

CASA DE LAZARO

O educandário da Rua Torres Sobrinho, tão bem dirigido pela abnegação de Ruth Sant'Anna, realiza uma obra das mais dignas e louváveis.



Numa reunião da LBN na ABL, Ruth Sant'Anna e algumas de suas "filhinhas" da Casa de Lázaro. Vêem-se, também, o Dr. Walter Mendes e o Coronel Delfino Ferreira.

veis, em prol das crianças órfãs ou desvalidas, que ali recebem as luzes da doutrina cristã. No dia 23 de dezembro, a Casa de Lázaro comemorou mais um aniversário de sua fundação. Foi uma festividade que a todos agradou, pela alta espiritualidade de que se revestiu. Lá esteve a Caravana da Boa Vontade, sob a chefia de Alzira Zarur, que dirigiu carinhosas palavras às encantadoras "filhinhas" de Ruth Sant'Anna. Essa instituição merece o apoio de todas as pessoas de boa vontade!

PÁTRIA DO EVANGELHO

A Caravana da Boa Vontade continua travando conhecimento com as instituições de caridade e assistência social. Uma das visitas mais proveitosas foi a que os Legionários da Boa Vontade fizeram à Fundação Pátria do Evangelho, onde foram recebidos cordialmente pela Sra. Abigail de Lima — uma alma altruísta, devotada ao Bem das crianças desprotegidas. No seu substancial improviso, revelou a veneranda senhora o que tem sido a luta da instituição que orienta. E todos sentiram essa vontade incoercível de gritar aos indiferentes que o Brasil espera que cada um cumpra o seu dever, em benefício dos necessitados! Tanto di-

nheiro gasto em futilidades criminosas... E tantas casas de caridade esperando o auxílio que não chega! Educar a criança e preparar o Brasil de amanhã. Auxiliemos as instituições beneméritas, como essa admirável Fundação Pátria do Evangelho. Elas precisam de nós...

O HOMEM E O CHEQUE

É de Amado Nervo este pensamento maravilhoso: "Cada homem é como um cheque em branco, firmado por Deus. Nós mesmos escrevemos a quantia com o nosso merecimento. Aquêle que, social ou moralmente, começa a rebaixar-se, escreve em seu cheque apenas alguns centavos"... Bem verdadeiro, não é mesmo?

UMA PRECE CURTA

O Almirante Hart legou-nos uma das preces mais curtas do mundo. Mas, sendo tão curta, é de uma imensidade impressionante. Vejamos: — "Dai-nos forças, ó Deus, para aceitar com serenidade tudo aquilo que não possa ser mudado. Dai-nos coragem para mudar tudo o que pode e deve ser mudado. E, sobretudo, dai-nos sabedoria para distinguir uma coisa da outra". Ai está um exemplo de concisão e clareza para todos os que fazem preces.

SEMPRE BOA VONTADE

Todos devem ajudar a Campanha da Boa Vontade, por um Brasil melhor. Nunca se fez tão necessária a boa vontade em nossa terra: nas repartições públicas, nos transportes coletivos, nos balcões do comércio, nas casas do Congresso, em toda parte, enfim! E mais: boa vontade entre religiosos e seus fiéis, entre partidos políticos e seus prosélitos, entre pobres e ricos, entre pretos e brancos! Boa vontade — a chave de todos os problemas humanos!

E A CAMPANHA CONTINUA

A Legião da Boa Vontade atende ao público em sua sede — Rua Acre, 47, 9.º andar. Realiza suas reuniões públicas na Associação Brasileira de Imprensa, e movimenta a Caravana da Boa Vontade, todos os meses. Mantém na Rádio Mayrink Veiga, aos sábados, das 2 às 2 e meia, a "Campanha da Boa Vontade", programa que tem o patrocínio das Casas Olga. Se você tem boa vontade, ajude a Campanha da Boa Vontade!

Alzira Zarur e D. Abigail de Lima entre as crianças da Fundação Pátria do Evangelho, no dia da visita da Caravana da Boa Vontade.



ANTISARDINA

DETEM A
MARCHA DO
TEMPO!...



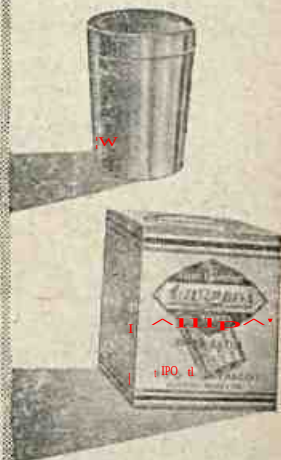
*Afirma a Exma. Senhora Dna. Amélia Brandão Marques
da alta sociedade paulista:*

«Como **paranaense** que sou, orgulho-me com a vossa indústria, que também tem por berço o Paraná, e não posso fugir do desejo de tornar público os **benefícios** resultados que venho obtendo com o uso de ANTISARDINA.

Ha mais de vinte annos uso diariamente esse **extraordinário** creme que tem as propriedades desde não só corrigir as imperfeições da **pele**, como também de prolongar a **juventude** de nossa cutis, como bem patenteia a **fotografia** que junto a esta vos envio e offereço para fazer dela o uso que vos convier.

Que as minhas **patricias** de todas as recantos do Brasil, saibam que com ANTISARDINA conseguem deter a **marcha do tempo** prolongando a **minha** **moderdade**»

*Amélia Brandão Marques.
São Paulo, 14 de 10-51*





O pelo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praças e nas reuniões elegantes.

Para eliminar os pelos superfúos não use lâminas ou navalhas, use

RAGE, o maravilhoso e eficaz depilatório em pó, perfumado. Elimina com incrível rapidez os pelos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Z.Y.X. - 2

RADIO ARAPUAN

Estúdios — Escritórios

PRAÇA ARISTIDES LOBO, 20

1.º e 2.º and. — Telefone 1606

TRANSMISSOR

AV. CRUZ DAS ARMAS

(Githetra)

Frequência - 1340 kcs. - Onda 223,8

JOAO PESSOA - Paraíba

CABELOS BRANCOS
Como evitá-los?
JUVENTUDE ALEXANDRE
Evita os cabelos brancos
CABELOS BRANCOS



DAME FRANÇAISE

Enseigne son idiome avec methode facile et rapide

Fix moderés

Telefone 47-3759

OUÇAM, AS QUARTAS-FEIRAS, PELA RADIO MAYRINK VEIGA, A SUA PRAÇA, DAS 14 AS 14.30 HORAS, O PROGRAMA INTITULADO "ARTE DE SER BELA".

ARTE DE SER

TRUQUES DA MAQUILAGEM

CUIDE da sua maquiagem sim, porém inteligentemente, contribuindo com todos os pequenos truques que determinam um resultado mais satisfatório, sem esquecer o que mais combine com o físico, a tonalidade da pele, os traços faciais, etc. Uma boa maquiagem impõe o domínio de uma infinidade de pequenos detalhes que contribuem para a sua realização, dando-lhe essa vida que se traduz em beleza e em uma acabada aparência de tal.

Temos, por exemplo, que a maioria das mulheres pensa saber utilizar de forma inteligente o carmin. Não obstante, incorrem em erros que conspiram contra o seu embelezamento. O simples costume de esfregar o rosto com a mesma esponja que serve para aplicá-lo nas bochechas, faz com que a cor penetre nos poros prejudicando assim a suavidade que se pretende obter com a maquiagem. A aplicação parecerá grosseira e artificial. Ao contrário disso, se passarmos a esponja por cima apenas da zona que se deseja dar cor, o "rosão" ficará perfeitamente disfarçado.

Quando este parecer muito compacto ou seco convém abrandá-lo um pouco com o auxílio de um pouquinho de vaselina.

Aquelas que possuam faces encovadas devem fixar o toque de cor precisamente nessa região, a fim de que passe dissimulado o aludido defeito.

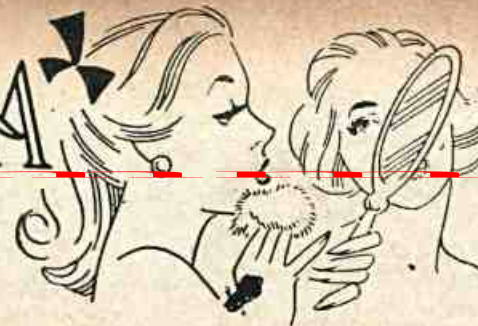
Se uma face for mais saliente do que a outra, devemos pintar menos a primeira, baixando um pouco o carmin e acentuando intensamente a nota sobre a segunda, insistindo na parte mais saliente.

Quando o oval do rosto é curto, devemos dar-lhe linhas normais e agradáveis colocando a cor na parte achatada do rosto, começando desde cima em direção às fontes, bastante mais ou menos até o centro das mesmas.



Janis Carter, da RKO passa um lapiz sobre a linha natural de suas sobrancelhas intensificando o traço, nas extremidades, a fim de dar-lhes mais expressão.

BELA



O rosto largo de face encovada exige um vermelho que se estenda até as fontes colocando-se na parte mais funda uma capa de creme branco, suave, com uma espécie de aureola de carmin, muito esfumada em seus contornos. O queixo deve permanecer absolutamente branco.

Quando o oval é alargado, o carmin deve ser colocado na parte mais saliente das faces, baixando-o mais ou menos até as têmporas e desvanecendo bem na zona do rosto que não necessita de cor. Um ligeiro toque de carmin no centro do queixo também assenta a esse tipo de rosto.

Para sombrear as pálpebras com resultado satisfatório, é preciso que a epiderme não esteja seca, porque então é árduo aplicá-la. Isto é facilitado se recorrermos a manteiga de cacau, a vaselina ou até ao mesmo creme que usamos como base para pó-de-arroz.

Para todas as atividades diurnas devemos dar preferência aos tons claros, reservando os escuros para a noite.

A idade tem também a sua importância. Uma jovem com sombreado escuro nas pálpebras parecerá mais velha. Dá-lhe também um certo ar de mulher feita que a desmerece sensivelmente.

Os tons negros e azul-ferro são inconvenientes para elas.

É necessário evitar o aumento do tamanho natural dos lábios. Esta tendência inexplicável que notamos principalmente em mocinhas — que tentam em recorrer a este ardil para parecerem mais cativantes — demonstra absoluta falta de gosto.

E, como sucede que a maioria delas prefere tonalidade claras de baton, o resultado é simplesmente deplorável. O rosto adquire um ar de máscara que, embora atraia os olhares, não persuade nem convence do ponto de vista estético e do embelezamento. Porém, compreendam bem e não vão tomar isto como um conselho para usar um baton mais escuro.

Os olhos alargados, porém muito pequenos, requerem um tracinho em cada extremidade, sombreando intensamente as pálpebras nos seus ângulos. Em troca, os olhos grandes e redondos podem ser prolongados traçando uma linha que siga a beira das pálpebras o mais rente possível das pestanas, partindo do interior, para terminar em forma de "V" ou em traço mais ou menos alargado em direção às fontes.

As sobrancelhas já não se usam tão sofisticadas como há dez anos atrás. Agora sua retificação não passa da imposta pelo depilado prudente.

Sua espessura depende em muito de cada rosto, porém em geral, já não se vêem as linhas fininhas que constituíram a grande moda de anos passados. Se são muito grossas dão ao rosto certa rigidez que não é conveniente. Por isso torna-se mister mantê-las em termo médio e discreto, intensificando seu traço ou suavizando-o, de modo que harmonize com o resto da maquiagem.

PROPORÇÃO DAS FORMAS

Uma mulher pode possuir um rosto de feições irregulares mas, se possui o bom tipo de dissimulá-las com uma maquiagem adequada não terá porque preocupar-se de sua beleza, sobretudo se tem um corpo bem constituído que, trajado com elegância, fará com que o rosto pouco agradável passe inadvertido.

Em épocas remotas o possuir um corpo esbelto era um dom que a natureza nos concedia. Hoje é o resultado da vontade e da perseverança para conseguir. Entretanto, contrariamente ao que muitas supõem, não basta ter um peso exato em relação à idade e à estatura. É necessário que as diferentes partes do corpo guardem proporções entre si. A altura total deverá ser, segundo opiniões autorizadas, sete vezes e meia a altura da cabeça e nove vezes o comprimento das mãos, medido desde o pulso até a ponta dos dedos. Os braços, do ombro ao pulso devem medir a terceira parte do corpo. As pernas deverão ser quatro vezes a altura da cabeça. Para possuir harmonia de formas deve-se ter em conta a circunferência do busto, quadris, cintura, colo, braços e pernas de acordo com a sua estatura, idade e peso e tratar de modificar pouco a pouco, com exercícios adequados, as partes que não estão de acordo com as suas medidas. É, sem dúvida, raríssimo possuir um corpo perfeito, porém isso não impede que seja possível chegar a possuí-lo formoso. Quando os membros são excessivamente delgados, o problema é difícil resolver, pois se bem que o excesso de gordura se combate com certa facilidade, não é o mesmo adquiri-la em determinadas partes. Muito se pode fazer, entretanto, quando se é ainda bem jovem. De maneira que tomem-se as medidas e mãos à obra.

ICHA — (Continuação)

acalma minha perambulação, meu medo. Olho para Icha, serenada também. Olho-a e somente então observo que seus olhos, apesar de não terem sobrancelhas e apenas umas pestanas muito curtas, são como lâmpadas acesas. E queimam.

Já não me pode ser indiferente. Um segredo nos une. Uma intimidade criada num instante.

Foi meu primeiro amor. Um amor silencioso, sem manifestações nem palavras. Ela o adivinhou, certamente. Era tão sensível que qualquer emoção, qualquer susto, lhe retirava o sangue das faces, emprestando-lhe a vuvra de lengoi. E nunca ousei dizer-lhe com que fervor teria beijado o seu rosto moreno, sem sobrancelhas. Eu tinha doze anos quando comecei a gostar dela. Quatorze, quando a perdi para sempre.

De castigo por haver passado toda a manhã lendo em vez de limpar os aposentos e ajudar a limpar a pocilga dos porcos, faz uma semana que Icha não vem participar de nossos brinquedos na chácara. Possui uma verdadeira mania de leitura, muito a propósito para enfeitar a madrastra, que lhe reprova inutilmente o que qualifica de falta de vergonha e preguiça. Queniam que Icha passasse o dia inteiro com o espanador e a escova na mão! Impressionável e assustadíssima, Icha saboreia entre sobressaltos e angústias os livros que lhe empresta furtivamente. Faz uma semana foi "A princesinha das charnecas". Ontem, algo mais sério: "O castelo dos Carpatos". Ah! o feitiço dessas frases curtas e brilhantes como o rãio, que aparecem debaixo das ilustrações e que nos gritamos de longe, à guisa de saudação: "E bruma? Não! Parece fumo..." Ou aquela outra: "Vi a figura de um homem de pé sobre o pico..." Ou, melhor ainda: "Abra os olhos, Dora, por piedade!"

Agora que Icha está ausente de nossa casa, encontramos a maneira de nos comunicarmos por uma das inúmeras gretas do muro em ruínas que demarca o pomar. De brucos na terra, ela com os dedos separa as trepadeiras perfumadas e nos espia enquanto brincamos de esconde-esconde ou enquanto procuramos no capim as rãs tagarelas e as pressurosas lagartixas. "Ah! como gostaria de poder passar esta muralha!" dizem seus olhos que têm a febril impaciência de um pássaro enjaulado. Entretanto, do fundo do meu ser brota um só desejo, agudo como um grito: passar, também, por minha vez, a muralha...

Em duas ocasiões avistamos a madrastra: sardenta, rude, com o cabelo avermelhado. Pela sua cara pontada e o seu modo de andar, virada para trás e de pernas afastadas, Luisinha pôs o apetito de Galinhola. Seu marido, pai de Icha, é, segundo dizem, um bom homem, um pobre homem tranqüilo, fraco, dominado por ela. — (Cont. na página seguinte)

Escolares e Adolescentes

(A OS 18 ANOS)

DR. H. BALLARIN

Distúrbios do crescimento

Endocrinologia — Obesidade

— Magreza — Mau aproveitamento escolar. Exames periódicos de saúde. Marcar hora pelo tel.: 27-8421



**DEFUMADOR
I
INDIANO**

O MELHOR DEFUMADOR EM TABLETS, USADO PELOS INDIAS NAS SUAS PRECES
DE PAZ E FELICIDADES E EM SUAS CASAS COMERCIAIS.

FABR. J. STEFANINI - RUA ESTACIO DE SA, 71 - RIO
ENVIAMOS PRIMO REEMBOLSO POSTAL

KEPEL ENL S. PAULO - J. BARROS LIMA - ALANHEIA RIBEIRO SILVA, 609

Como tive a ousadia de penetrar na feia casa sem janelas? Como um ladrão saltou a cerca meio derrubada da horta, escorreguei sob uns limoeiros, atravessei um pequeno pátio em que, estendidas em cordões, dançavam ao sol algumas peças de roupa de baixo recentemente lavadas e, empurrando a porta entresbierada, vi-me de repente no mistério de um vestíbulo escuro.

Vimha tirar Ichha da sua clausura, rapta-la como nos contos dos piratas. Trazia, até, preparado um discurso para lançar a madrastra, caso ela se opusesse. "Dona Pele-Vermelha, a senhora não tem nenhum direito de fazer Ichha trabalhar como uma criada, nem tampouco de proibi-la de ler os maravilhosos contos que lhe empresto. Ainda menos direito tem de encerrá-la nesta casa sem janelas e de não a deixar brincar e conversar conosco. Por isso vim buscá-la. E se a senhora der um só passo para opor-se, em vez de Galinhola vamos chamá-la de Bruxa..."

Empurrei outra porta, penetrei num pequeno vestíbulo igualmente deserto e escuro. Não se ouvia um único ruído, como se seres e coisas estivessem mortos. Mas era um silêncio diferente do que reinava às vezes em nossa casa. Um silêncio mais escuro, mais pesado, que não tinha, no entanto, nada de aterrador. Em suma, era um silêncio aborrecido que não despertava minha curiosidade e que... como direi? era desprovido de grandeza. Também a sombra dos aposentos era diferente daquela, tão repouso-sante! que criávamos em nosso lar ao cenar as persianas depois do almoço.

Estupefato de não encontrar ninguém, abri par a par a única janela que dá para o pátio, porque para fora, para a luminosidade do caminho, só havia um muro cego que mantinha a casa num isolamento de cárcere. Abri essa única janela e de novo meus olhos tropeçaram na roupa estendida ao sol, que balangava melancolicamente. Um regueiro de luz entrou no vestíbulo e os móveis sem alma, empoeirados e horríveis, criaram vida. Da corneta de um velho fonógrafo, um retrato da madrastra me olhava com seis olhinhos penetrantes. Examinei-a com ódio. E em vez alta, como se me ouvisse, atirei-lhe em rosto as frases preparadas do meu discurso: "Dona Pele-Vermelha... etc..."

ICHHA — (Continuação)

Mas... onde estava Ichha? Fiquei vagueando, à direita e à esquerda, sem encontrá-la. Afinal, desisti e atravessei de novo a porta da entrada. Tinha pena de Ichha por ter que viver o ano inteiro naquele ambiente aborrecido, com cheiro de parafina, entre móveis baratos e sombras sem mistério. E tinha pena de mim mesmo por não ter podido realizar meu heróico e intrépido ato de pirata.

Averigui depois que a madrastra, em companhia de Ichha e da cozinheira, tinha ido fazer compras no povoado. Mas nunca falei a ninguém sobre a minha visita clandestina à triste casa sem janelas.

Afinal, Ichha voltou a ver-nos, na chácara. Vinha muito séria, muito linda, sua carinha pálida emoldurada pelos negros cabelos crespos cobertos por grande chapéu de palha, adornado de cerejas. Sozinha, ela e eu, sentamo-nos no pasto, apoiados no tronco de um álamo gigantesco. Tudo se calava e parecia-me sentir nas costas o impulso mudo da árvore. Ichha permanecia pensativa.

— Hoje estás com os olhos dourados, como se estivessem cheios de raiosinhos de sol.

Enrubescou até a raiz dos cabelos.

— Ichha, já tenho mais de quatorze anos e se a Galinhola te incomodar muito, estou disposto a...

— A Galinhola? Pelo amor de Deus, João! Não fales assim. Se ela te ouvisse...

— Bota! Sabes que elas não pode escutar-nos e que não vem aqui.

Ela calou-se, melancólica. Disse logo depois:

— Continua a acreditar em coisas tão absurdas?

Estremeceu toda.

— Nunca mais te contarei meus segredos!

Mas eu também estremei de repente, emocionado até as lágrimas:

— Ichha, quero saber o teu segredo! Então ela começou com voz velada, a mesma daquela tarde memorável:

— Havia quase um ano que não a via, mas agora, de um mês para cá, ela me está chamando de novo. Nem

preciso chegar perto do tanque. De noite, sinto-a em toda parte...

Ficamos tristes, os dois, e não encontramos mais nada para dizer-nos.

Maruja adora suas bonecas. Tem-nas loiras, morenas, mudatas, pequenas e grandes, vestidas de camponesas, de bebês recém-nascidos, de meninas com cachos compridos e sapatinhos de verniz, de colegiais. Cose para elas, cozinha para elas, e de noite deita-as em caminhas primorosas. A preferida — Catarina — dorme em seus braços, a cabeça de porcelana misturada à dourada e sedosa cabeleira de Maruja. Amta detesta as bonecas e prefere soltar papagaios ou balançar-se até ficar tonta. Despreza os trabalhos femininos e estabelece verdadeira competência esportiva e de estudos com os meninos. Tem o dom de imitar a linguagem dos animais e mania desmedida de inventar farsas que assumem os hóspedes e os criados.

Laila é uma amazona penitente. Esbelta, altameira, brincalhona, passa por minhas recordações cheia de graça. Seus palavrões, seus ideais, dão-me a impressão de bolhas de champanha, tão espumosas e leves são. Tem em Santiago um sem-número de adoradores a quem maneja com coqueteira desdenhosa. A autoridade de seus dezessete anos e de seu caráter despótico pesa como um feitiço sobre o pequeno grupo.

Para Ichha, o maior gozo é dar de comer na boca aos passarinhos, desde o verde pinatassilo até a "torca" de peito encarnado. Põe na língua as migalhas de pão, os grãos diminutos. E os passaros, apasionados em suas mãos, picam, picam, entre palpitantes e gorjeios. Às vezes os lábios de Ichha sangram. Então ela solta de repente o corpinho morno que lhe cai

(Continua na página 56)

SE CALAS, ÉS CULPADO

CAPÍTULO XI



RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES

PAOLA DAVALLI, QUE FICOU SOZINHA E SEM RECURSOS, EMBARCA PARA A AMÉRICA. MAS CARLO ANGELERI, JOVEM RICO, QUE LHE FAZIA A CORTE, VAI TAMBÉM NO MESMO NAVIO. DECEPCIONADA COM A ATITUDE DO RAPAZ, QUE SE TORNA AUDACIOSO, A MOÇA ACREDITA QUE ELE NÃO A AME, E DESESPERADA, TRAVA RELAÇÕES COM DOIS AVENTUREIROS, BARBARA E TOM. OCUPADO COM O ADVOGADO MORALES QUE TROUXE PARA TRATAR DE UMA HERANÇA SUA, ANGELERI NÃO PODE DESEMBARCAR COM PAOLA E ESTA, POR SUA BOA FÉ, É CONDUZIDA À CASA DE TOM, QUE ESTÁ APAIXONADO POR ELA. CERTA NOITE, NO "TOILETTE" DO MOCAMBO (DANCING PERTENCENTE A TOM), PAOLA VE ENTRAR UMA MOÇA DESCONHECIDA QUE LHE PEDE QUE ESconda uns papéis. TOM CONSEGUE PERCEBER A MANOBRAS E VE COM ESPANTO QUE SE TRATA DO TESTAMENTO DO TIO DE ANGELERI. PAOLA QUER REHAVER O DOCUMENTO, TÃO IMPORTANTE PARA CARLO, MAS É PRECISO EMPREGAR ASTÚCIA PARA ISSO.



VAI SER MÃE?

DELIVRANCINA

É o medicamento das Parturientes. Prepara o organismo para um parto feliz. Evita o Aborto, Vômitos, Enjôos, Cansaços. Seu uso é providencial durante toda a gravidez.

NAS FARM. E DROG. E LABOR. SIMÕES
RUA DO MATOZO, 33 - RIO
ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

SE GALAS, É S CULPADO

FOTO-ROMANCE de ADA SALVI

10.º E 11.º CAPÍTULOS



no regaço batendo as azas recortadas e trêmulas.

Há aromas que são espelhos encantados para os quais instintivamente se dirigem nossas mãos, mas que nos fazem voltar, embelezadas, as imagens quase legendárias que a asa do tempo empanou. A noite envolve o velho jardim que responde a esse abraço noturno espalhando uma onda de fragrância. E a figura de minha mãe, com a cabeça majestosa que sustem o juço da sua cabeleira castanha penteadada para trás, ressuscita, sai da cripta de mármore em que dorme há dez anos e surge a meu lado, roçando minha testa com os dedos. Junto à máquina de costura; à beira da lazeira... Seu coração palpita pelos seus como uma mariposa que desprega as asas ao sol. Sua presença é ao mesmo tempo santuário e horizonte.

Não precisa falar: seu silêncio estende em volta um manto cálido que oculta nossa fragilidade. Todo o ambiente está impregnado dela e nada no mudo tem importância porque velam seus traços finos, ligeiramente desbotados sob a ilusão de pó-de-arroz. Seus cabelos obstinam-se em não seguir a moda e se aninham na nuca, naturais e ondulados. Mas a maravilha das maravilhas é certo chapéu de palha negra, adornado de miósis, que aparece sobre seu cabelo como algo sobrenatural nas circunstâncias mais solenes. Quantos anos durou esse chapéu sem idade e sem época que foi só para ela criado? "Não quero chamar a atenção com chapéus vistosos..." afirmam com timidez seus lábios. Mas quantos a vêem admiram-lhe a adorável figura arrancada de alguma gravura antiga, com seu aspecto ao mesmo tempo infantil e severo e com as violetas escuras de seus olhos que procuram desaparecer sob uma ingenuidade de colegial e sob a asa daquilo inverossimil chapéu negro, coalhado de miósis.

Tuc... tuc... tuc... Há mais ou menos duas semanas um "chunchinho" escondido entre as ramas de uma nogueira centenária, deixa cair sobre a casa durante a noite o seu tétrico e monótono grito.

— Mau augúrio! murmura tia Eulógia, suspirando. Lembra-te, Augusto do que houve em Las Chilcas?

O tio encolhe os ombros. "Por que atribui-lo ao "chunchinho"? murmura.

No entanto, esta noite saímos todos lá para fora para verificarmos em que lugar lançou raízes o pássaro agoureiro. A medida que avançamos na espessura da quinta, o grito se ouve mais nítido, mais lúgubre, como o surdo e intermitente golpe de um martelo. Afinal Felipe detém-se e exclama: "Alto! está ali!" Bruscamente cessamos a busca e nos agrupamos para espreitar o inimigo que se oculta entre as ramas de uma nogueira. Ali está, realmente, ao fim de largo ralo azul que a lanterna lança na noite profunda! Já não grita mais e mantém-se imóvel, olhando-nos com seus olhos sinistros, ameaçadores e redondos. De súbito, abre as asas e empreende um voo lento, pesado, silencioso. "Que pena eu não ter trazido a minha escopeta!" grita meu pai. Com que gosto lhe daria um tiro... Mas haveremos de matá-lo amanhã à noite!"

Como quem espera uma festa, durante o dia seguinte, nós, os meninos, esperamos a caça do "chunchinho" que, cada noite, durante duas semanas, deixara cair sobre a casa seu grito de mau augúrio. Saímos depois do jantar, guiados pela lanterna que espalhe diante de nós uma grande claridade. Mas não o encontramos, nem na nogueira, nem em árvore nenhuma. "Caramba! exclama o tio Augusto. Não veio hoje, como se tives-

(Conclui na página 58)

— Vários. Tã, já sabes que eu não me interesse por isto.

— Tanto melhor. Mas a mim interessa, por motivos mais práticos. Tãnto que devo ir falar com um amigo, mas antes quero ver outra pessoa.



MAS PAOLA READQUIRE LOGO O DOMÍNIO SOBRE SI MESMA.



— Histórias! Com certeza invencíveis do próprio interessado!

— Pois eu posso assegurar-lhe que há um, e a favor daquele sobrinho italiano, Carlo Angelo.

APROXIMANDO-SE DA PAOLA, OS DOIS SEPARAM-SE



Conversa de negócios

— Sim e não. Mas agora, basta. Vamo beber alguma coisa.

A PESSOA QUE TOM QUERIA VER ERA ALVARO CONTI, FILHO NATURAL DO FALECIDO ANGELETTI E SEU HERDEIRO, SALVO DISPOSIÇÃO CONTRÁRIA NO TESTAMENTO



— Oh, aqui está don Alvaro. Poderes ficar aqui um bomadinho? Um momento só.



— Com don Alvaro, é inútil bancar o espanto, pois cima de mim, o testamento existe, e o que eu estou lhe dizendo!

— Mas eu não creio. Se existe, há de aparecer!



MAS PAOLA TAMBÉM FOI VISTA.

— Ora veja, aquele tipo suspeito de bordo!

— Viste quem é?



— Bom dia, gostaria falar-me?

306



— Questei duas palmittinas sob os aijueis testamentos...

— Se desajas falar-me sobre o is-
tramento do meu pai, enge-
nheiro. Porque nunca houve ne-
alhum testamento.

307

— O meu quase-paião, hein? Já
o vi, já o vi. E o senhor já fez a
ele também o mesmo discurso?

— Olhe lá adiante. Ali está al-
guém que pagaria bastante para
conhecer-lo.



310



— Ainda não, veja bem, sou um sentimental. Pre-
firo que seja alguém de Catalugas a possar aque-
la bolacha, e que ela fique aqui.

— Muito bem! Agora acho que
vamos entrar num acordo, fá-
cilmente.

311



— Mas eu me refiro à moça,
pessoa que te interessava.

— Quem? Paola? Qual o me-
e passar adiante.
No entanto, pessoas tão sérias,
de chela de
contimento...

314



— Caro amigo, bem se vê que estás meio agarra-
do.... Aquela soube prender-te...

— Ela está tão contente...

315



ÁGUA
INGLÊSA
GRANADO



Faz de você
um forte!

TÔNICA-APERITIVA
NAS CONVALESCÊNCIAS

se adivinhado que o iamso matar". Assim, durante quatro noites, saímos inutilmente providos de escopeta. Afinal, meu pai ordenou: "Basta! Já dê-se esquite! Esqueçamos o "chunchu", que foi daqui para sempre, levando para outro lugar a sua felicidade..."

"Graças a Deus!" murmura tia Eulógia, persiguntando-se. Guardou-se a escopeta e não pensamos mais no assunto. Mas esta noite — Deus meu?! parece até brincadeira! — começou de novo o seu monótono canto: tac... tac... tac... tac...

O grito sou martinizante, como um réptil escorregou entre as árvores, foi espantado-se de encontro às paredes brancas e penetrou na casa com a roupagem negra e sordida do irrepárravel; Icha afogou-se! Icha afogou-se!

O piano calou-se de súbito. E todos, grandes e pequenos, trabalhadores e criados, precipitamos-nos pelo jardim a dentro. Depois...

Quando a tiraram do tanque parecia uma grande boneca de cera dentro das gazes molhadas do vestido. Sua cabeça estava dobrada sobre o corpo como uma flor murcha e as pálpebras entreabertas deixavam ver as pupilas opacas que antes queimavam como lâmpadas. Jamais esquecerei essa tarde de verão em que de súbito a vida me paraceu injusta e o mundo sombrio e a terra suja. Jamais esquecerei essas caras trágicas, essa agitação estéril, essas costas curvas trazendo o vulto precioso. Lágrimas, lágrimas. Nunca mais veríamos a menina vinda como intrusa da casa vizinha, a menina fujona, triste, de ombros ossudos e olhos sem sobrançelas!

O grito foi lançado por Fernando que lia no bosquezinho de eucalipto e ouviu o choque do corpo n'água. "Havia já um pedaço que ela vagueava pela mangem do tanque inclinada-se como se buscasse algo dentro dele, explicava com voz prente de soluços. "Podes dar um escorregão! gritei-lhe de longe. Não te aproximes tanto! Afundei na minha leitura, até que..." um soluço de dor conta a frase. Eu sei, entretanto, que não houve escorregão e que a verdade é outra. Outra! Fernando ignora o que eu sei.

Calei-me. Fingi acreditar no acidente. Mas, Deus meu! quanto tive que lutar para arrancar de meus olhos e de meu coração a verdade que, hora após hora, me perseguia como um cão raivoso! Icha cada dia mais triste, mais encurralada em sua casa, mais sózinha. Uma grande perturbação nela nasce e se cria. E a saudade torturante embraga-a como uma nuvem de poen. Estática, vai debruçar-se na água do tanque que a olha lá de baixo com a sua grande pupila verde. Uma fisionomia aparece no fundo, sorri-lhe, logo se esfuma.

Porém uma tarde mais perfumada, mais enervante que as outras tardes... Icha vacila, inclinada para a frente. Ah! por que, para abraçar sua mãe, deve enfrentar perigo tão grande? Por que as coisas não são para ela tão simples e fáceis como para as outras crianças? De súbito, uma carruagem para no fundo d'água. Dêle desce sua mãe, vestida como uma princesa dos contos da tia Eulógia. Sorri e lhe faz sinais para que desça e vá juntar-se a ela. A menina vacila, no entanto, fascinada porém medrosa. A mãe repete o sinal, como se estivesse com pressa. Faz como se fosse subir de novo no carro que a conduziria longe, desta vez para sempre.

Então Icha decide-se. Nem por um momento pensa nas consequências do que faz porque sua quizera teceu uma grande tela ao redor do seu mundo. Com gestos vacilantes, desce,



A REVISTA FEITA
PARA O LAR

ENDEREÇO

Administração, Redação e Oficinas: — Rua Pedro Alves 60. — Tels.: — Gerência e Publicidade: 23-5180. Redação: 23-6282. Contabilidade: 43-1527. — Caixa Postal 97. — End. Tele. FON-FON. — Sucursal em São Paulo — Gabriel Pereira — Rua Xavier de Toledo, 141, 2.º and. — Representante na Europa: Comptoir International de Publicité (P. Garçon & Ch. Levindrey 28 Boulevard Haussman PARIS 9e) — France.

ANO XLIV

Rio de Janeiro

19 de Janeiro de 1952 — N. 2.336

Cr\$ 4,00 — EM TODO O BRASIL

DIRETOR-PRESIDENTE

Sérgio Silva.

DIRETOR-RESPONSÁVEL

Ary Sérgio Silva.

DIRETOR-SECRETARIO

André Sérgio Silva.

DIRETOR-TESOUREIRO

Cyrol Vieira Machado.

REDATOR-PRINCIPAL

Martins Capistrano.

REDATORES

Elcias Lopes e Bastos Portela.

COLABORADORES

Gustavo Barroso — Alzira Zarur — Edvard Carmilo — Edgard Pereira — Lázinha Luis Carlos de Caldas Brito — Jonald — Gilberto Brandão — Clélia Clay — Zilah Bastos Seabra — José Bandeira Nery — Malu Ouro Preto — Caio Pinheiro — Cyra Nery — Ieda Criso Fontes — Eloyda de Araújo — Roberto Lobo.

Venda avulsaa Cr\$ 4,00
Núm. atrasado Cr\$ 4,50
Núm. atras. pelo Correio ... Cr\$ 5,00

Preço das assinaturas em todo o Brasil
Porte Simples

Ano (52 ns.) Cr\$ 200,00

Semestre (26 ns.) Cr\$ 100,00

Registrado

Ano (52 ns.) Cr\$ 230,00

Semestre (26 ns.) Cr\$ 115,00

em qualquer mês.

As assinaturas começam e terminam
em qualquer mês.

ça, molha na água um pezinho, sem deixar de olhar até o fundo. Através da onda transparente, a imagem que-rida atrai-a, chama-a, subjuga-a. Não está fria a água nessa esplendorosa tarde de verão. Ao contrário. E ao redor, a paisagem desfalece, a terra respira, maternal, agradável. Icha sente de antemão no corpo a carícia, o beijo do tanque que lhe joga em cima o seu hálito de frescura.

Afinal, cerrando os olhos, atira-se de brigos ao mistério da água. Aspira e bebe a grandes sorvos. Parece-lhe que o peito se alarga e que a alma até então carregada de orfandade, se torna ligeira, vaporosa. Ao mesmo tempo, o corpo já não lhe pesa e parece ter asas. Um bem-estar ignorado invade-lhe os membros e penetra-lhe na carne. Seus sentidos aguçados escutam uma sinfonia, lá longe. Sua mãe, convertida agora em fada, toma-a nos braços para fazê-la subir à carruagem de ouro, que parte rápida, rápida. Tudo se apaga, de súbito. E Icha, para sempre, cai no imenso vazio, na sombra infinita. Está morta.

Naquela época não defini com essa precisão os acontecimentos, as imagens. Foi, ao contrário, uma avalanche, um alvarço de inferno na minha cabeça que registrava visões e sensações amontoadas em desordem, uma sobre a outra. Mas por detrás do delírio malsão, surgia clara a carruagem, a menina triste revestida de asas, a mãe convertida em princesa.

Ah! era isso, só isso, a morte! Uma imobilidade. Um abandono. E essa frialdade branca de estátua que não se deve roçar com as mãos, apenas com os olhos, e que põe de súbito entre ela e nós um abismo sem salvação. Para onde, para onde foi todo o sangue de seu corpo?

Por muito tempo fico de cama, delirante. E é sempre a mesma visão a que me faz erguer-me, trêmulo e suado, no leito do fundo d'água, uma larga figura cadavérica, com o rosto velado, aproxima-se até tocar-me e me estende uma única flor, azul, monstruosa — a flor da planta sem nome que vive na sombra do jardim e que foi meu primeiro vínculo com Icha. Em breve, a figura se desfaz no nada. Volto a mim lentamente e o tique-taque do relógio da cabeceira me leva à realidade e me faz compreender que estou no meu quarto, enfermo. Recordo-me, também, que sófro.

Ainda agora, depois de trinta anos, volto a sentir o hábito da visão tremenda e respiro o calor de um rosto, o rosto de minha mãe, inclinada com amor sobre meu primeiro tormento.

Terminou minha visita à chácara. Nela passei dois dias e duas noites. Vou-me embora. Para não voltar mais, provavelmente. Os fantasmas retrocedem e diluem-se na sombra. Digo-lhes adeus, mas levo comigo a sua irradiação, os seus reflexos. Saio da minha meninice. A porta de grades, gemendo, fecha-se sobre um pequeno mundo mágico no qual deixei um pedaço vivo de mim mesmo, o melhor, o mais puro, o mais colorido de esplendor. Do lado de fora, trinta anos tempestuosos e cinzentos caem de choite sobre mim. E entro num mundo diferente — meu mundo de antes de visitar a chácara — no qual não encontrarei nem a harmonia, nem a emoção, nem o aroma que ficaram guardados na casa de gelosias verdes. Afasto-me em largas passadas por um caminho escuro. Sombras de árvores no solo adormecido. Sombras. Sombras. Vêm ao meu encontro inquietudes conhecidas, problemas conhecidos.

Sigo. Entro em mim mesmo. E, bruscamente, um grande cansaço me abate.



SUGESTÃO PARA UMA MESA DE CASAMENTO

Ideal para ornamentar a mesa de um casamento, ou de uma 1ª Comunhão, é a que oferecemos com a ilustração ao lado acompanhada pela seguinte receita:

TORTINHAS DE GELATINA

Numa vasilha vá misturando 250 gr. de farinha de trigo, 100 gr. de manteiga, 2 gemas, 1 colher de sopa (rasa) de açúcar, sal e água até formar uma massa, a qual deve descansar 2 horas. Arrume-as então em fôrmas para pequenas tortas e asse-as no forno até dourarem. Retire-as então e, depois de frias, recheie-as com a seguinte gelatina:

Ponha 1 pacotinho de gelatina (sem sabor) de molho em 1/4 xícara de água fria. Dissolva-a bem e junte depois 1/2 xícara de água fervendo. Destaque cuidadosamente qualquer grumo da gelatina e só então junte 1/3 xícara de açúcar, 1 pitada de sal e 1/3 xícara de rum. Mexa até o açúcar dissolver-se bem. Deixe esfriar e quando começar a ficar pastosa, junte 2 claras de ovo, ligeiramente batidas, 1 xícara de creme de leite batido e 1/2 xícara de cerejas marasquino picadas.

Encha as forminhas e espalhe por cima do recheio 1/2 xícara de coco ralado. Leve à geladeira para que a gelatina endureça. Esta receita dá para 6 tortinhas.

Com cartolina, papel rendado, fitas de cetim e um pouco de habilidade, você poderá reproduzir a noiva e suas "demoiselles", ou então as jovens que vão fazer a 1ª Comunhão.



IVONE DE CARVALHO

da Universal-Internacional

Seu cabelo terá "grau 10"

ÓLEO DE LIMA, usado diariamente
e em fricções sobre o couro cabeludo, fortifica
o cabelo, tornando-o sedoso e macio.

Isento de goma ou gordura.



DÁ BRILHO E VIGOR AOS CABELOS